



Ana Sofia de Jesus Marinho Fonseca

**Vitimação e funcionamento psicológico na adolescência:
O papel moderador do número de experiências de violência**

Dissertação de Mestrado em Psicologia da Justiça: Vítimas de Crime

**Trabalho realizado sob orientação da Professora Doutora Carla Antunes e
coorientação da Professora Doutora Célia Ferreira**

**Universidade Lusófona do Porto,
Faculdade de Psicologia, Educação e Desporto
Porto**

Abril, 2019



Ana Sofia de Jesus Marinho Fonseca

**Vitimação e funcionamento psicológico na adolescência:
O papel moderador do número de experiências de violência**

Dissertação de Mestrado de Psicologia da Justiça: Vítimas de Crime
Dissertação defendida em provas públicas na Universidade Lusófona do Porto
do dia 10/04/2019, perante o júri seguinte:

Presidente: Prof.^a Doutora Ana Rita Conde Dias (Prof. Auxiliar da
Universidade Lusófona do Porto)

Arguente: Prof.^a Doutora Andreia Moura (Prof. Auxiliar da
Universidade Lusófona do Porto)

Orientadora: Prof.^a Doutora Carla Margarida Vieira Antunes (Prof. Auxiliar da
Universidade Lusófona do Porto)

Abril, 2019

É autorizada a reprodução integral desta tese/dissertação apenas para efeitos de investigação, mediante declaração escrita do interessado, que a tal se compromete.

À distância de um olhar

Em tempos recorro que também já fui criança e com o passar do tempo adolescente...

Indolente pelo que o decurso da vida me deu.

Nem todas foram tristes, as histórias.

Mas guardo sempre em memória cada cansaço de corpo,

Onde esgotada findava em pensamento, o que na efetividade não conseguia ser.

Então, por vezes penso, sentada na calçada, se foi o passado que me trouxe de mãos dadas, ou terá apenas ajudado nas passadas.

Outras vezes acho que foi meramente o levar do meu corpo, que se erguia dia a dia sem vontade.

Pois é à noite que recorro outras tantas, onde meu corpo ainda treme de dor e agonia, questionando se terá sido um mero pesadelo ou pura realidade...

Aquela que todos julgam ter passado mas que permanece com os fantasmas que lhe está subjacente.

Pois em tempos recorro as lágrimas que caíam de noite e onde o sorriso prevalecia entre o meio-dia, pois o cair do dia trazia a tristeza.

Vislumbro aquele carro onde dentro trazia a incerteza... idas e vindas durante tempos.

Onde em tempos e por momentos parei no tempo.

Onde de momento me debato sobre as feridas e os lamentos.

Onde guardo as recordações dentro duma caixa trancada com 300 grilhões, pois jamais poderão ser desvendadas.

Feridas saradas como pedra sobre pedra, onde a resiliência dura e perdura... onde a vida nos trouxe aqui... onde me encontro na corrente das letras que me inundam e me levam à vitória, do que sou e onde estou.

Ana Marinho, Maio 2018

Agradecimentos

“Aqueles que passam por nós, não vão sós, não nos deixam sós.

Deixam um pouco de si, levam um pouco de nós.”

Antoine de Saint-Exupéry, in “O Pequeno Príncipe”

Considerando o tempo e os bloqueios, assim como a falta de objetividade na minha tendência quase única a fugir para a escrita lírica, constatei que apesar da elaboração de um trabalho desta envergadura ser um processo de carácter solitário. Não seria de todo possível a realização do mesmo se outros não estivessem igualmente envolvidos. Assim, apesar de esta secção ser demasiado exígua ao que considero ser o necessário para agradecer condignamente às pessoas que direta ou indiretamente estiveram presentes na elaboração desta dissertação de mestrado, começo por dizer que sem o apoio e dedicação dos que mencionarei, esta não teria sido possível.

À Professora Doutora Carla Antunes e Professora Doutora Célia Ferreira, orientadora e coorientadora da dissertação, respetivamente, agradeço o apoio, carinho, dedicação, empenho, orientação, persistência e partilha do saber, assim como as valiosas contribuições para o trabalho, críticas, correções e sugestões relevantes feitas durante a orientação. Acima de tudo, obrigado por me terem acompanhado nesta jornada e por estimular o meu interesse pelo conhecimento. Grata por terem acreditado em mim. Em particular à Professora Doutora Célia Ferreira por ter sido incansável na sua dedicação para com os outros e por em momentos de desespero estar sempre pronta para prestar apoio e motivação.

Ao Professor Doutor Paulo Jesus, que durante todo o meu percurso universitário esteve presente e me prestou apoio e orientação, sendo alguém que muito admiro, como ser humano e profissional. Grata pela sua amizade. De igual modo quero agradecer à sua esposa Doutora Helena pela sua amizade e serenidade como que sempre me recebeu, e em cada momento que tive o prazer de privar com a sua família.

Na ULP, à Isabel Silva, pois jamais teria acreditado ser possível chegar ao fim de mais uma jornada caso não houvesse a sua persistência e amizade. À Ana Marques, pela pessoa maravilhosa que é, pelas conversas e palavras, assim como pela partilha de saberes. À Mariana Pinto e Filipa Neves pela amizade, partilha de ideias e disponibilidade manifestada. À Cláudia Neves pela partilha e troca de ideias sobre o tema das nossas dissertações e construção de outros patamares.

Aos demais, Professores e colegas de Mestrado, que tiveram de algum modo um papel importante nas minhas decisões, partilhas e dúvidas.

No Agrupamento de Escolas Dr. Costa Matos, um agradecimento à Direção, em particular ao Dr. Filinto Lima por me ter dado a autorização para realizar a recolha de dados para o banco de dados do estudo em que me insiro, assim como os pais e alunos que dele participaram. À D. Graça, Ermelinda e Alice pelo carinho, apoio e amizade que sempre demonstraram ter.

Às pessoas com quem tive o gosto de privar ao longo desta jornada que começou em 2011 e que por motivos vários fui perdendo pelo caminho, mas que de igual modo foram importantes nas minhas concretizações e formação como pessoa. Aos que se tornaram fantasmas, mas que não posso ignorar a sua importância durante todo o processo, quer por me ajudarem no início, quer por acreditarem quando mais ninguém o fez, quer por simplesmente estarem presentes no silêncio.

Aos meus familiares, pelo incentivo que me deram, os que estiveram presentes e os que de algum modo não estiveram, pois todos têm um papel importante nas nossas decisões enquanto ser humano.

Aos meus amigos, que me apoiaram neste percurso, em particular à Rita e ao Ricardo pela amizade e companheirismo, persistência, apoio incondicional e estarem sempre presentes quando necessitei de rir e de chorar. Não esquecendo a Eva, que trago no meu coração com tamanho carinho.

Aos meus pais, José Joaquim e Margarida Simão, pelo esforço e dedicação que sempre demonstraram ter. Pela compreensão e prontidão que sempre manifestaram. Em particular à minha mãe, pelo apoio incondicional que sempre me deu, mesmo quando as minhas passadas não iam de acordo com o que considerava ser o melhor. Pelo orgulho com que sempre reagiu às minhas conquistas. E principalmente por ser uma mulher guerreira que muito respeito e admiro.

Aos meus avós, José Maria e Albertina, pelo carinho e educação. Se ainda fossem vivos, estou certa que ficariam orgulhosos desta minha conquista. Em particular à minha avozinha que me ensinou a ter sempre esperança, ser humilde e lutar pela vida.

Ao meu marido Mário, por ser meu companheiro e amigo, pelo apoio, estímulo e ajuda, quer a nível de escrita, quando eu tendenciosamente faço da escrita científica um texto lírico, quer a nível pessoal e emocional.

À minha filha Matilde, que nasceu numa altura de forte empenho, mas que por esse mesmo motivo, sempre me conseguiu dar ânimo e alento nos momentos de desespero. Sem ela, a minha vida não teria o mesmo significado.

Por último mas não menos importante, a Deus por estar sempre comigo, por me ter acolhido tal qual como sou, um ser imperfeito e coberto de um passado de pecados que me assombram. Obrigado por me ter iluminado o caminho, pois por momentos pensei que me estava a perder. Grata pela comunidade que me acolheu, uma Casa cheia de Amor e da Sua presença.

Resumo

A violência na adolescência, é um fenómeno, com forte influência a nível do funcionamento e bem-estar psicológico. Nesta sequência, o presente estudo teve como principal objetivo testar o papel moderador do número de diferentes experiências de violência sofridas na predição do funcionamento psicológico atual aqui conceptualizado em termos de (I) Sintomatologia Psicopatológica (internalização e externalização) e (II) Bem-Estar Psicológico, tendo como variável antecedente a experiência de vitimação durante o último ano. A amostra foi constituída por 114 participantes de ambos os sexos com idades compreendidas entre os 15 e os 18 anos ($M=16.5$; $DP=1.02$), maioritariamente portugueses e residentes nos distritos do Porto. Os resultados evidenciam a relação entre experiências de vitimação e funcionamento psicológico na adolescência, demonstrando que o número de experiências de violência tem um papel moderador em tal relação, mais especificamente, na relação entre violência física e a ansiedade e na relação entre a violência sexual e os crimes relacionados com álcool e drogas. De igual modo, verifica-se uma correlação negativamente significativa entre a violência psicológica e os domínios do BEP, no que diz respeito ao domínio do meio e aceitação de si.

Palavras-chave: Vitimação entre-pares; Sintomatologia Psicopatológica; Bem-estar Psicológico; número de experiências de violência.

Abstract

Violence in the adolescent age is a phenomenon with a strong influence on the individual behavior and on the psychological well-being of those individuals.

The main objective of the present study was to test the moderating role of the number of different experiences of violence in the prediction of the present psychological functioning conceptualized in terms of (I) Psychopathological Symptomatology (internalization and externalization) and (II) Psychological Well-being, having as a precedent the experience of victimization during the last year.

The sample consisted of 114 participants of both sexes, aged between 15 and 18 ($M=16.5$; $DP=1.02$), mostly Portuguese, and residents in the Porto district.

The results show the relationship between victimization experiences and psychological functioning in adolescence, proving that the number of experiences of violence has a moderating role in this relationship (the number of experiences of violence moderates the relationship between physical violence and anxiety, as well as between sexual violence and alcohol and drug-related crimes, and there is a negatively significant correlation between psychological violence and BEP domains, in terms of control of the environment and acceptance of self).

Keywords: interpare victimization; psychopathological symptomatology; psychological well-being; number of experiences of violence.

Índice

Abstract	ii
Índice de tabelas	v
Índice de figuras	vi
Índice de Siglas	vii
Parte I - Enquadramento teórico	1
1. Adolescência e riscos desenvolvimentais	2
2. Vitimação e funcionamento Psicológico	6
2.1 O impacto das experiências cumulativas no funcionamento psicológico	8
3. Pertinência e justificação do estudo	9
Parte II - Investigação empírica	11
2. Modelo Conceptual da Investigação	12
3. Método	13
3.1 Caracterização sociodemográfica da amostra	13
3.2 Instrumentos	15
3.3 Procedimentos metodológicos	16
4. Resultados	17
4.1 Medidas descritivas das variáveis em estudo	17
4.2 Vitimação e Sintomatologia psicopatológica: Teste da Hipótese 1	18
4.3 Vitimação, N.º diferentes experiências de violência e Sintomatologia psicopatológica: Testes de moderação (Hipótese 2)	19
4.4 Vitimação e Bem-Estar Psicológico (Hipótese 3)	23
4.5 Vitimação, N.º diferentes experiências de violência e BEP: Testes de moderação (Hipótese 4)	24
5. Discussão, Limitações e Conclusão	27
Bibliografia	29
Anexos	33

Índice de tabelas

Tabela 1: <i>Caracterização sociodemográfica da amostra</i>	14
Tabela 2: <i>Medidas descritivas das variáveis em estudo: QEVIA, N.º Experiências, EADS, ASRDS e EBEP</i>	18
Tabela 3: <i>Vitimação e Sintomatologia psicopatológica de internalização: Análises de Correlação</i>	18
Tabela 4: <i>Vitimação e Sintomatologia psicopatológica de externalização: Análises de Correlação</i>	19
Tabela 5: <i>Vitimação, número diferentes experiências de violência e Sintomatologia Psicopatológica de internalização: Testes de moderação</i>	20
Tabela 6: <i>Vitimação, número diferentes experiências de violência e Sintomatologia Psicopatológica de externalização: Testes de moderação</i>	21
Tabela 7: <i>Vitimação e bem-estar psicológico: Análises de Correlação</i>	24
Tabela 8: <i>Vitimação, número diferentes experiências de violência e Bem-Estar Psicológico: Testes de moderação</i>	25

Índice figuras

<i>Figura 1:</i> Diagrama conceptual do modelo de moderação para a predição da sintomatologia psicopatológica	12
<i>Figura 2:</i> Diagrama conceptual do modelo de moderação para a predição do bem-estar psicológico	12
<i>Figura 3:</i> Gráfico (1) efeito de moderação do número de experiências de violência entre a violência física e a ansiedade	22
<i>Figura 4:</i> Gráfico (2) efeito de moderação do número de experiências de violência entre a violência sexual e o consumo de drogas e álcool	23

Lista de Siglas

OMS – Organização Mundial de Saúde

WHO – World Health Organization

ONU - Organização das Nações Unidas

APAV – Associação Portuguesa de Apoio à Vítima

UNICEF - United Nations Children's Fund

ASRDS – Escala de Delinquência Auto-Relatada Adaptada para Adolescentes

BEP – Bem-Estar Psicológico

BES – Bem-Estar Subjetivo

EADS – Escalas de Ansiedade, Depressão e Stress

EPEP – Escalas de Bem-Estar Psicológico

QEVIA – Questionário de Experiências de Vitimação na Idade Adulta

Parte I – Enquadramento Teórico

1. Adolescência e riscos desenvolvimentais

No início do séc. XX, o fenómeno da adolescência começa a ter maior investimento científico. Stanley Hall, considerado o pai da psicologia da adolescência, designava esta fase como um segundo nascimento.

Segundo Eisenstein (2005), a adolescência corresponde a etapa desenvolvimental que pressupõe um “período de transição entre a infância e a vida adulta, caracterizado pelos impulsos do desenvolvimento físico, mental, emocional, sexual e social e pelos esforços do indivíduo em alcançar os objetivos relacionados às expectativas culturais da sociedade em que vive”. É portanto uma passagem de uma situação de dependência para a entrada na vida adulta, assumindo o que está inerente a esse papel (Sampaio, 1994).

Contudo, os limites cronológicos da adolescência não são estanques. Essa dificuldade deve-se às mudanças de paradigmas sociais e culturais a que vamos estando sujeitos (e.g. ter filhos mais tarde, viver em união de facto/morar com os pais até mais tarde, início de atividade profissional mais tardia). Desta forma, a Organização Mundial de Saúde (OMS) estabelece como limites cronológicos da adolescência o intervalo de tempo entre os 10 e os 19 anos, enquanto a Organização das Nações Unidas (ONU) os estabelece entre os 15 e os 24 anos.

Outros autores (Spinthall, & Collins, 2008) sugerem a divisão deste período desenvolvimental em diferentes subfases, sendo um período pautado por uma série de transformações, que impõem ao adolescente um conjunto de constrições que levam à estruturação da personalidade, à (re)definição de valores e conceitos, à aquisição de novos relacionamentos e à conquista progressiva da autonomia.

Segundo Tavares e Alarcão (1992), o adolescente é confrontado com a necessidade de rutura em relação às características e estilo de vida de criança, nomeadamente na interação e relação com os cuidadores primários, passando a privilegiar a integração em grupos de pertença, desenvolvendo subculturas próprias.

Esta fase que acarreta riscos determinantes e capazes de assumir comportamentos capazes de comprometer a sua saúde, quer física ou psicológica. Indivíduos expostos a determinados fatores de risco, podem assumir uma maior vulnerabilidade para o aparecimento de determinada sintomatologia (Kazdin, Kraemer, Kessler, Kupfer & Offord, 1997). Um mesmo evento em determinada altura da vida, pode variar substancialmente no impacto que tem em diferentes indivíduos, pois podem ser percebidos e processados

diferentemente, tendo em conta as suas características individuais e os contextos que estão inseridos (Kazdin & col., 1997).

Os fatores de risco podem ser divididos em quatro grupos: individuais; família/relacional; comunitários e sociais. De forma mais detalhada podemos distinguir o género (o sexo masculino – experiências de violência física, o sexo feminino – violência sexual (Turner, Finkelhor & Ormrod, 2006); a idade, o desafio ao nível da intimidade e/ou sexualidade, com conhecimento/descoberta do próprio corpo e do dos outros, conduz a comportamentos de risco (e.g., doenças sexualmente transmissíveis, gravidez indesejada); o consumo de substâncias ilícitas; a vulnerabilidade emocional; imaturidade; qualquer tipo de deficiência ou incapacidade física/ motora; estatuto socioeconómico; isolamento social; etnia; a integração e aceitação pelos grupos de pares, que acarreta o risco de adoção de comportamentos potencialmente prejudiciais (e.g., consumo de álcool, furto, consumo de substâncias ilícitas); “ausência de uma ou ambas figuras parentais” (Finkelhor, 1993). No que confere à família, existem estudos que revelam outras características, “nomeadamente a presença de consumos de álcool e abuso de substâncias, a ausência prolongada da mãe, a existência de conflitos conjugais graves, o isolamento social e a presença de estilos parentais punitivos poderão estar associadas a um risco aumentado de violência sexual na infância e adolescência” (APAV, 2017). A predisposição à violência intrafamiliar, sendo esta por exposição ou dirigida intencionalmente ao adolescente, falta de afetividade ou diálogo, assim como falta de estabelecimento de fronteiras nos distintos subsistemas familiares (APAV, 2011). Outro fator de risco prende-se com a necessidade/desejo de independência em relação à família de origem “a separação adolescente-pais é entendida como um pré-requisito para o desenvolvimento da capacidade de intimidade e para o estabelecimento duma nova família” (Fleming, 2003); desorganização das estruturas existentes na comunidade em que estão inseridos; falta de recursos que assegurem um ambiente harmonioso e com supervisão; presença de violência na comunidade; falta de condições mínimas para subsistir (degradação das infraestruturas) (OMS, 2006); os média, atualmente os adolescentes têm vindo a aumentar o tempo de utilização da internet, telemóveis, videojogos, e outros meios de comunicação. Obtendo informação inadequada e acabando por distorcer os conceitos éticos, morais, sexuais e sociais. A influência exercida por este meio pode comprometer o conceito de beleza e saúde, originando muitas vezes transtornos alimentares, sentimentos de frustração e alterações da imagem corporal, colocando em risco a sua saúde e muitas vezes estes mesmos padrões não se compadecem

com a sua condição sócio-económica (Feijó & Oliveira, 2001) e desvalorização social da violência.

Importa ainda referir que na adolescência o grupo de pares tem um papel importante, e como tal, vários são os estudos realizados no contexto escolar que salientam que a violência constitui um grave problema com forte impacto nos indivíduos a vários níveis, nomeadamente nas relações interpessoais, e no desajustamento psicossocial (Carvalhosa, Moleiro, & Sales, 2009). Um estudo realizado em 2014, averiguou que 34% dos adolescentes inquiridos, eram alvo de violência entre-pares (Matos, Reis, Camacho, Simões, Baya, Mota & Machado, 2015).

Também sobre experiências de vitimação na adolescência e o bem-estar, apesar da escassa literatura, foi possível verificar que indivíduos que reportam experiências de vitimação têm por consequência níveis baixos de saúde, quer mental ou física (Rigby, 1999).

Em contra partida, também a violência na adolescência tem vindo a ser alvo de estudo ao longo dos tempos e estes revelam que “este grupo é o que mais sofre com o impacto da violência” (Ruzany & Meirelles, 2009).

O conceito de violência é difícil de ser conceptualizado, pois este depende de distintos tipos de relações, quer sejam sociais, culturais, políticas ou interpessoais (Ruzany & Meirelles, 2009).

Segundo a OMS (2002), “*violência*” é “*o uso intencional da força física ou do poder, sob a forma de ato ou de ameaça, contra si próprio, contra outra pessoa, ou contra um grupo ou comunidade, que cause ou tenha muitas probabilidades de causar lesões, morte, danos psicológicos, perturbações de desenvolvimento ou privação*” (WHO, 2002, p.5). A palavra “*poder*”, segundo esta definição, pretende abranger a violência psicológica, física e sexual (e.g. comportamentos suicida, ameaças, intimidação, morte, ferimentos, ou mesmo outras consequências do comportamento violento, nomeadamente danos psicológicos, privação) capazes de comprometer o bem-estar dos indivíduos, assim como das suas famílias, amigos e/ ou comunidades (WHO, 2002).

A OMS (2002) divide a violência em três categorias, tendo em conta o indivíduo que comete o ato violento: a) violência auto-dirigida, inclui comportamentos suicidas, automutilação; b) violência interpessoal, dividida em duas subcategorias, nomeadamente a violência familiar/parceiro íntimo (e.g. abuso infantil, VRI); e violência comunitária (e.g. assédio sexual, atos aleatórios de violência, *bullying*), geralmente concretizada por indivíduos sem qualquer afinidade; e c) violência coletiva que consiste no “uso

instrumental de violência por pessoas que se identificam como membros de um grupo contra outro grupo ou conjunto de indivíduos, a fim de alcançar políticas, objetivos económicos ou sociais” (WHO, 2002).

A tipologia de atos violentos tem de igual modo em conta a natureza da violência psicológica, física ou sexual. A violência psicológica consiste em qualquer ato que implique prejuízo psicológico, dirigido e desenvolvido de uma pessoa para outra, de forma intencional, tomando expressão através de atos de humilhação, intimidação, ou mesmo ameaça de morte (Magalhães, 2005). Segundo Soares (2017, 27) a violência física consiste numa resposta física e intencional (e.g., bater, empurrar, pontapear, homicídio) podendo recorrer ao uso de objetos (e.g., produtos inflamáveis, armas brancas e/ou de fogo), sendo um tipo de violência com intenção de causar dano físico, causando dor, sofrimento e num limite pode causar incapacidade ou morte. A violência sexual consiste num grave problema de saúde pública, pois é transversal etária e socialmente em todo o mundo. Constitui-se como a coação ou ato sexual hétero ou homossexual perpetrado contra a vontade de outrem (Barros et al., 2009; Magalhães, 2005). Verifica-se em meio intra ou extrafamiliar, sendo mais frequente o primeiro. A ocorrência na infância acontece quer de forma pontual quer repetida (Magalhães, 2005).

A OMS estima que, no ano 2000, tenham morrido cerca de 4000 pessoas por dia como consequência de violência (Dahlberg & Krug, 2007).

Do número total de pedidos de ajuda feitos à APAV no ano de 2017, 810 foram crianças/jovens, com média de idade dos 11 anos (APAV, 2017). Dados estatísticos revelam que crianças e adolescentes vivenciam violência em todas as fases do seu desenvolvimento (UNICEF, 2017). Estima-se que em todo o mundo, cerca de um em cada três estudantes com idades compreendidas entre os 13 e 15 anos sofrem *bullying* regularmente (UNICEF, 2017). E ainda segundo a mesma fonte, podemos constatar que no mundo, a cada 7 minutos, morre uma criança (10 e 19 anos), na sequência de um ato de violência (UNICEF, 2017). De acordo com estudos realizados em Portugal sobre a vitimação entre-pares, conseguiu-se constatar que a violência verbal e a física, são as mais prevalentes (Rosário, Candeias & Melo, 2017).

2. Vitimação e funcionamento Psicológico

Após a 2.^a Guerra Mundial, houve necessidade de procurar respostas sobre o sofrimento dos indivíduos e o impacto negativo associado a experiências adversas e como estes poderiam desencadear perturbações psicológicas (Seligman & Csikzentmihalyi, 2000). No entanto alguns autores (Seligman e Csikzentmihalyi, 2000) propunham-se, a compreender as experiências de felicidade, investindo e desenvolvendo a área da Psicologia Positiva.

A Psicologia Positiva procura estudar o nível de bem-estar que o indivíduo consegue alcançar durante a sua vida. É uma proposta teórica que pretende investir na prevenção, através do foco nos aspetos positivos, na identificação de virtudes, assim como no conhecimento dos fatores de proteção do indivíduo, não centrando, portanto, a sua perspetiva nos aspetos negativos ou patológicos. Seligman e Csikzentmihalyi (2000), acrescentam, ainda, que a compreensão dos determinantes positivos no funcionamento do indivíduo, contribuem com ganhos para o mesmo, assim como para a comunidade e meio social em que este está inserido.

No seguimento desta abordagem de um funcionamento psicológico positivo, a Organização Mundial de Saúde (OMS) define saúde como “*estado de completo bem-estar físico, mental e social, e não consiste apenas na ausência de doença ou de enfermidade*” (WHO, 1946). Segundo Scliar (2007), o conceito diverge de indivíduo para indivíduo, pois terá sempre que ter em conta a época, o lugar ou mesmo a classe social a que este pertence, assim como acabará por depender de igual modo dos seus valores, crenças religiosas e concepções científicas. Assim, assumindo a definição de saúde, não apenas como a ausência de doença física ou mental, mas como um estado positivo, podendo este ser promovido, cultivado e mesmo aperfeiçoado.

No contexto da Psicologia Positiva, a literatura, neste domínio, tem vindo progressivamente a focar-se no bem-estar na adolescência, na tentativa de perceber de que modo podem os adolescentes promover um desenvolvimento positivo, de modo tornar-se um adulto capaz e psicologicamente saudável (Freire, Zenhas, Tavares, & Iglésias, 2013).

No estudo do bem-estar, surgem duas perspetivas distintas nomeadamente o hedonismo e eudaimonismo. O hedonismo, associado ao bem-estar subjetivo (BES), e o eudaimonismo, associado ao bem-estar psicológico (BEP). Assim, e num primeiro instante, podemos caracterizá-los distintamente: o BES faz menção à sensação de prazer ou

felicidade momentânea, ao invés do BEP que prioriza potencialidades individuais, o uso do raciocínio e capacidade de bom senso (Ryan & Deci, 2001).

Como referido anteriormente, com o pós guerra foi urgente o estudo sobre quais seriam os indicadores de felicidade, satisfação e qualidade de vida. Procurando considerar distintas dimensões, nomeadamente a subjetiva, quando o indivíduo julga qual o seu nível de satisfação com a vida e, a objetiva, no que se refere à qualidade de vida que este interpreta através de questões observáveis e quantificáveis, nomeadamente a saúde ou os recursos (Keyes, 2002). O hedonismo tem, portanto, como princípio o prazer como fonte de evitamento da dor e a felicidade atual/momentânea, avaliando de forma subjetiva qualquer das experiências (Ryan & Deci, 2001). O BES propõe três componentes: satisfação com a vida, afeto positivo e afeto negativo. Assim, o indivíduo é capaz de avaliar a sua vida tendo em conta as suas expectativas, emoções e experiências de forma subjetiva (Siqueira & Padavon, 2008).

Contrapondo, o eudaimonismo tem como princípio o desenvolvimento do indivíduo e as suas capacidades com o foco no funcionamento psicológico positivo (Ryan & Deci, 2001). O BEP propõe que o bem-estar está relacionado com o desenvolvimento humano, dos seus potenciais (Ryff, 1989). Ryff (1989) considera que os estados subjetivos de felicidade não tinham tanto interesse em comparação com o caminho que cada indivíduo seria capaz de construir para si mesmo com base nos seus potenciais e numa busca do seu rumo (Ryan & Deci, 2001).

Nesta sequência, Ryff (1989) propõe um conceito de BEP suportando a sua formulação através de conceitos teóricos baseados no funcionamento psicológico, dando ênfase aos aspetos positivos. Assim, a autora vai-se apoiar numa abordagem multidimensional, abrangendo o indivíduo nas diferentes fases de desenvolvimento, tendo em conta as alterações de personalidade, assim como desafios a que este esteja sujeito ao longo da vida. Neste contexto, apresenta uma abordagem multidimensional para a avaliação do bem-estar psicológico, reformulado em 1995 por Ryff e Keyes, o qual propõe seis dimensões do desenvolvimento e funcionamento positivos, nomeadamente: a) Aceitação de si (revela elevado nível de autoconhecimento, ótimo funcionamento e maturidade); b) Autonomia (capacidade de se regular internamente); c) Objetivos de vida (criação de objetivos com intenção de criar um sentido na realização pessoal); d) Crescimento pessoal (sentido de crescer, amadurecer, fazer face aos obstáculos que a vida coloca); e) Domínio do meio (capacidade de escolher ambientes harmoniosos, congruentes com as suas características, manipulação e controlo de ambientes externos); f) Relações

Positivas (estabelecimento de relações de confiança, sentimento de empatia, capacidade de amar, manter amizades).

A maioria dos estudos tendem a analisar a relação entre um tipo de vitimação (e.g. psicológica, física ou sexual) e o funcionamento psicológico, no entanto, a compreensão do fenómeno pode estar comprometida (Turner, Finkelhor, & Ormrod, 2006). O impacto a nível do funcionamento psicológico nesta fase desenvolvimental, apresentado pela literatura pode ser afetado pelas consequências de relações negativas, potenciadoras de desadaptação psicológica nos indivíduos e de stress. O impacto pode ser a nível de sintomatologia de internalização (e.g. depressão, ansiedade), sintomatologia de externalização (e.g. desafio) (Card & Hodges, 2008), e/ou sintomatologia somática (e.g., dores de cabeça, problemas de sono).

De acordo com estudos realizados em Portugal sobre a vitimação entre-pares, conseguiu-se constatar que a violência verbal e a física, são as mais prevalentes (Rosário, Candeias & Melo, 2017).

No que se refere à literatura sobre a vitimação na adolescência e o bem-estar, pode-se dizer que apesar de ser escassa, e estando em conformidade com o que já foi sendo referido sobre o tema, existem estudos que comprovam a existência de maior desajustamento quando reportam experiências de vitimação (Rigby, 1999). Segundo um estudo sobre a vitimação pelo grupo de pares e o bem-estar psicológico, em contexto escolar, de Saúde (2011) indivíduos reportavam níveis de bem-estar mais baixos aquando de vitimação. Um estudo realizado por Rosário, Candeias & Melo (2017), demonstrou que as condutas de vitimação e agressão mais frequentes são a exclusão social e a agressão verbal e que os rapazes se encontram mais envolvidos em situações de *bullying* físico em comparação com as raparigas. Assim, a grande maioria dos estudos deste domínio, corroboram que experiências adversas em idades precoces potenciam efeitos nefastos no desenvolvimento dos indivíduos. Assumindo de igual modo que a faixa etária mais vulnerável à vitimação são os adolescentes (Berman, Kurtines, Silverman & Serafini, 1996).

2.1 O impacto das experiências cumulativas no funcionamento psicológico

Segundo a literatura sobre o tema, os conceitos a designar sobre a experiência de uma ou mais formas de vitimação, tem sido os de *vitimação múltipla*, (Hope, Bryan,

Trickett, & Osborn, 2001) e *polivitimação* (Finkelhor, Ormrod, & Turner, 2007). Uma das principais formas de distinção é que o termo vitimação múltipla refere a um ou mais formas de vitimação, enquanto a polivitimação refere a quatro ou mais tipos de vitimação. Existem ainda outras terminologias, nomeadamente o *abuso cumulativo* (e.g., Scott-Storey, 2009) e a *revitimação ao longo da vida* (e.g., Widom, Czaja, & Dutton, 2008).

Os estudos indicam que indivíduos que experienciam múltiplas formas de vitimação têm maior propensão a desenvolver problemas relacionados à saúde mental (Finkelhor, Hamby, Ormrod & Turner, 2005; Finkelhor, Ormrod, Turner & Hamby, 2005; Finkelhor, Ormrod & Turner, 2007).

Têm vindo a ser realizados estudos com a intenção de “analisar a relação entre a vitimação cumulativa e a sintomatologia psicopatológica, remetendo para o efeito dose: mais importante do que a categoria ou o tipo de experiência adversa é o número de experiências adversas vivenciadas” (cf. Finkelhor et al., 2007; Richmond et al., 2009; Sabina & Strauss, 2008; cit. in. Caridade, Conde, Matos, & Gonçalves, 2014). Estudos concluem, na sua maioria, que a “vitimação múltipla é um forte preditor de desajustamento psicológico”, indicando uma relação significativa entre psicopatologia e vitimação múltipla (e.g., ansiedade, depressão, Perturbação de *Stress* Pós-Traumático, uso de álcool e/ou drogas) (Caridade, Conde, Matos, & Gonçalves, 2014).

Investigações sobre os efeitos cumulativos tendem a estar mais direcionados para pesquisas sobre stresse, trauma, adversidade e psicopatologia (Finkelhor, Shattuck, Turner, Ormrod & Hamby, 2011). Um estudo sobre a Experiência da Infância Adversa (ACES) confirmou que o trauma está associado a um maior número de vitimações na infância (Felitti, Anda, Nordenberg, Williamson, Spitz, Edwards, Koss & Marks, 1998). Na grande maioria dos estudos longitudinais, constata-se que os eventos negativos têm impacto cumulativo. Os indivíduos tendem a acumular fatores de risco e, é a presença de múltiplas adversidades na história de vida destes que distingue quais têm maior propensão para padecer de sintomatologia psicopatológica (Raviv, Taussig, Culhane & Garrido, 2010).

3. Pertinência e justificação do estudo

Tendo em conta a literatura produzida sobre a vitimação e o impacto na saúde mental, pese embora a inegável relevância científica, subsistem algumas fragilidades neste domínio.

A violência na adolescência tem vindo a ser alvo de estudo, como anteriormente já fora referido, contudo, o facto de não existirem estudos focados nas tipologias específicas de violência levanta alguns problemas, por exemplo, a exclusão de algumas formas de vitimação, não se estabelecendo inter-relações entre os seus vários tipos (Finkelhor, Omrod, Tuner & Hamby, 2005), podendo continuar não identificadas as circunstâncias e os contextos de ocorrência (Finkelhor, Omrod, Tuner & Hamby, 2005). Na grande maioria dos estudos, são considerados contextos específicos de violência (e.g., violência física, abuso sexual, *bullying*) (Finkelhor, Ormrod, Turner, 2007).

Assim, na tentativa de fazer face aos modelos comumente aplicados no âmbito da vitimologia, têm-se realizado esforços, de modo a alargar a investigação a múltiplas formas de vitimação (Matos, Conde & Peixoto, 2013). Finkelhor, Omrod, Tuner & Hamby (2005), referem “que um tipo de violência surge quase sempre associado a outros tipos de violência, sendo rara a experiência isolada de um só tipo de abuso”.

Conforme referido anteriormente, a literatura confirma que o risco de desajustamento psicológico associado à experiência de vitimação é elevado e expresso através de sintomatologia de internalização e externalização. No entanto, menos são os estudos que avaliam a saúde mental de forma multidimensional, incluindo medidas de bem-estar para além das medidas de psicopatologia e, quando as incluem, tendem a centrar-se apenas no bem-estar subjetivo.

Os estudos que se focaram na vitimação múltipla demonstram que o número de experiências de vitimação são uma agravante ao desajustamento psicológico (Finkelhor, Ormrod & Turner, 2007).

Face às limitações encontradas, o presente estudo pretende, analisar o funcionamento psicológico, considerando no bem-estar e a psicopatologia, após as experiências de vitimação e o número de experiências de violência, face ao seu efeito cumulativo, em resposta às limitações apresentadas.

Parte II – Investigação Empírica

2.1 Modelo Conceptual da Investigação

O presente trabalho procurou ultrapassar algumas das principais lacunas da literatura sobre a vitimação na adolescência, relacionadas com a análise específica de contextos de vitimação (e.g., familiar, entre pares) e, por outro lado, com o estudo pouco integrado e compreensivo das áreas de impacto.

O objetivo geral deste estudo foi testar o papel moderador do número de diferentes experiências de violência sofridas na predição do funcionamento psicológico atual, tendo como variável antecedente a experiência de vitimação durante o último ano. De referir que o funcionamento psicológico atual foi conceptualizado em termos de (i) sintomatologia psicopatológica de internalização e de externalização (Ansiedade e Depressão; Crimes relacionados com Drogas e Álcool, Vandalismo e Crimes em Contexto Escolar, respetivamente) e (ii) Bem-Estar Psicológico (Autonomia, Domínio do meio, Crescimento pessoal, Relações positivas, Objetivos na vida e Aceitação de Si).

Tendo em conta os argumentos teóricos supramencionados, apresentamos de seguida os esquemas dos modelos de moderação analisados para a associação das variáveis.

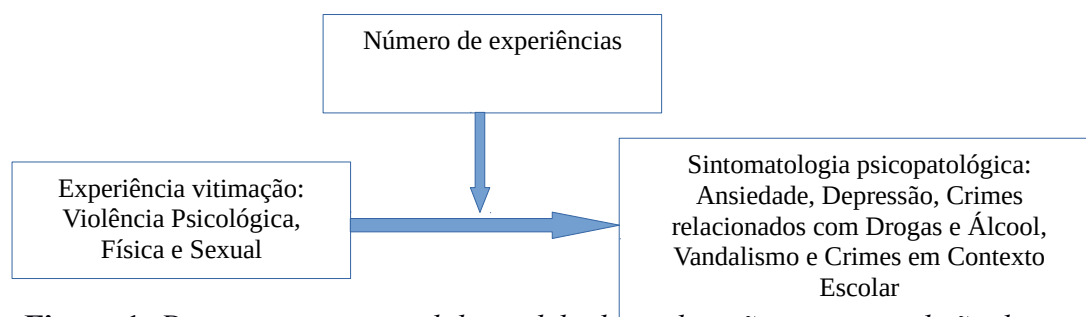


Figura 1: Diagrama conceptual do modelo de moderação para a predição da sintomatologia psicopatológica

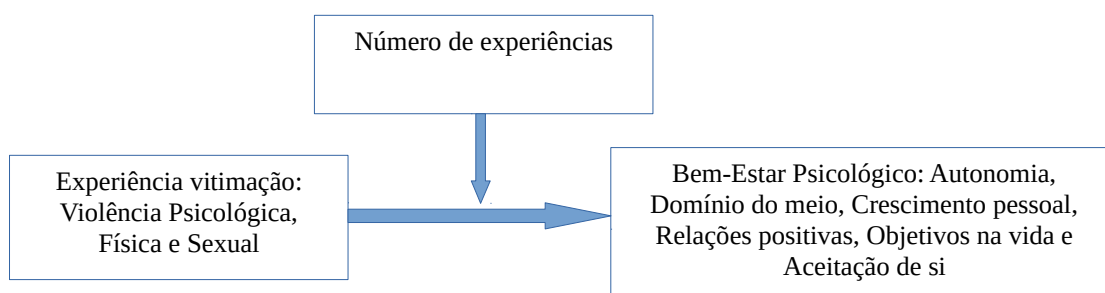


Figura 2: Diagrama conceptual do modelo de moderação para a predição do bem-estar psicológico

Deste modo, estabelecemos e analisámos as seguintes hipóteses:

H1: A experiência de vitimação na adolescência está positivamente correlacionada com a sintomatologia psicopatológica, quer em termos de internalização (Ansiedade e Depressão), quer de externalização (Crimes relacionados com Drogas e Álcool, Vandalismo e Crimes em Contexto Escolar).

H2: O número de diferentes experiências de violência modera a relação entre a experiência de vitimação na adolescência e a sintomatologia psicopatológica (Internalização e Externalização), esperando-se que o efeito da vitimação na sintomatologia seja maior em condições de elevado número de diferentes experiências.

H3: A experiência de vitimação na adolescência está negativamente correlacionada com cada uma das subdimensões do bem-estar psicológico: Autonomia, Domínio do meio, Crescimento pessoal, Relações positivas, Objetivos na vida e Aceitação de si.

H4: O número de diferentes experiências de violência modera a relação entre a experiência de vitimação na adolescência e cada uma das supramencionadas subdimensões de bem-estar psicológico, esperando-se que o efeito da vitimação no BEP seja maior em condições de elevado número de diferentes experiências.

3. Método

3.1 Caracterização sociodemográfica da amostra

A amostra do estudo foi constituída por um total de 114 participantes, raparigas (67%) e rapazes (33%) com idades compreendidas entre os 15 e os 18 anos ($M = 16.53$; $DP = 1.02$).

Tal como se ilustra na tabela 1, a esmagadora maioria da amostra era de nacionalidade portuguesa (99.1%) e residente no distrito do Porto (99.1%).

À data da recolha dos dados, a maioria dos participantes frequentavam o 10.º ano de escolaridade (76.2%), não estavam envolvidos em nenhum envolvimento amoroso (57.7%) e viviam com a família 93.9%.

Tabela 1*Caracterização sociodemográfica da amostra*

	M (DP; Min., Max.) / % (n)
Sexo	
Feminino	67 (73)
Masculino	33 (36)
Idade	16.53(1.02; 15; 18)
Nacionalidade	
Portuguesa	99.1 (111)
Outra	.9 (1)
Distrito	
Aveiro	.9 (1)
Porto	99.1 (108)
Ano escolaridade	
7.º ano	1 (1)
8.º ano	1 (1)
9.º ano	5.7 (6)
10.º ano	76.2 (80)
11.º ano	16.2 (17)
Retenções	
Sem Retenções	42.7 (47)
Com Retenções	57.3 (63)
Envolvimento relacional/amoroso atual	
Sem Relação de Intimidade	57.7 (64)
Com Relação de Intimidade	42.3 (47)
Tipo de agregado familiar	
Família	93.9 (107)
Instituição de Acolhimento	6.1 (7)
Condição Profissional Pai	
Desempregado	5.5 (5)
Empregado	91.2 (83)
Reformado	3.3 (3)
Condição Profissional Mãe	
Desempregada	26.2 (27)
Empregada	69.9 (72)
Reformada	3.9 (4)
Escolaridade Pai	
1.º Ciclo EB	21.2 (22)
2.º Ciclo EB	18.3 (19)
3.º Ciclo EB	24 (25)
Secundário	22.1 (23)
Ensino Superior	14.4 (15)
Escolaridade Mãe	
1.º Ciclo EB	22 (24)
2.º Ciclo EB	14.7 (16)
3.º Ciclo EB	27.5 (30)
Secundário	20.2 (22)
Ensino Superior	15.6 (17)

Nota. Os N's totais variam ligeiramente devido aos *Missing Values* e, por isso, são reportadas as percentagens válidas.

3.2 Instrumentos

Questionário Sociodemográfico – Construído especificamente para o efeito, visa a recolha de informação sociodemográfica para caracterização dos participantes do estudo. Inclui questões sobre sexo, idade, nacionalidade, país de nacionalidade, distrito de proveniência, ano de escolaridade, reprovações, envolvimento amoroso, tipo de agregado familiar, condição profissional e escolaridade dos pais.

Escalas de Bem-Estar Psicológico para adolescentes (EBEP; Ryff, 1989, versão adaptada por Fernandes, Vasconcelos-Raposo & Teixeira, 2008). Trata-se de um instrumento de autorrelato, que permite avaliar o bem-estar psicológico. É composto por um total de 30 itens, organizados em seis subdimensões: Autonomia, Domínio do meio, Crescimento pessoal, Relações positivas, Objetivos na vida e Aceitação de si. Todos os itens são respondidos numa escala de *Likert* de cinco pontos, desde *Discordo Plenamente (1)* a *Concordo Plenamente (5)*. A soma total da escala corresponde ao bem-estar psicológico global. Quer no *score* total, quer no *score* das subdimensões, resultados superiores correspondem a níveis superiores de bem-estar. O instrumento tem revelado bons índices de consistência interna.

Questionário de Experiências de Vitimação na Idade Adulta (QEVIA; Lisboa, Barroso, Patrício, & Leandro, 2009, adaptado por Magalhães, Antunes, & Ferreira, 2017). Este instrumento de autorrelato, do tipo questionário comportamental, permite avaliar diferentes experiências de vitimação durante o último ano, nomeadamente: Violência Psicológica (9 itens), Violência Física (5 itens) e Violência Sexual (5 itens). No presente estudo, recorreu-se apenas às subescalas de Violência Psicológica, Física e Sexual e os participantes foram instruídos a responder especificamente de acordo com as suas experiências no âmbito de relações de intimidade e/ou de amizade. Todos os itens são respondidos numa escala de resposta do tipo *Likert*, com cinco pontos, desde *Nunca (0)* a *Frequentemente (4)*. De modo adequar a linguagem à população alvo do estudo, alguns itens foram alvo de pequenos ajustes e adaptações linguísticas por parte dos membros da equipa de investigação, preservando sempre o conteúdo e sentido originais (ex., Formulação original: *"Tiveram ou tentaram ter consigo algum ato sexual usando a força ou a ameaça de o/a magoar a si ou alguém próximo?"*; Adaptação: *"Tiveram ou tentaram ter contigo algum ato sexual usando a força ou a ameaça de te magoar ou magoar alguém próximo?"*). Em cada um dos tipos de violência, valores mais elevados correspondem a experiências de vitimação mais frequentes.

Escalas de Ansiedade, Depressão e Stress (EASD; Lovibond & Lovibond, 1995; versão adaptada para a população portuguesa por Pais Ribeiro, Honrado & Leal, 2004). Trata-se de uma medida de autorrelato composta por 21 itens, organizados em três subescalas: Depressão (7 itens), Ansiedade (7 itens) e Stress (7 itens). Neste estudo foram apenas aplicados 14 itens relativos às subescalas Depressão e Ansiedade. Os itens indicam sintomas emocionais negativos e os participantes são instruídos de modo a assinalar as suas respostas numa escala tipo *Likert* de quatro pontos, desde *Não se aplicou nada a mim* (0); *a Aplicou-se a mim a maior parte das vezes* (3). Em cada uma das subescalas, pontuações mais elevadas expressam níveis superiores de sintomatologia.

Escala de Delinquência Auto-Relatada Adaptada para adolescentes (ASRDS; Carroll, Durkin, Houghton, & Hattie, 1996; versão adaptada para a população portuguesa por Pechorro, Vieira, Marôco, Barroso & Gonçalves, 2015). Este instrumento, constituído por um total de 38 itens, avalia o comportamento e envolvimento dos adolescentes em atividades ilegais e antissociais. Neste estudo foram aplicados apenas 15 itens, relativos aos comportamentos de Crimes relacionados com Drogas e Álcool (6 itens), Vandalismo (6 itens) e Crimes em Contexto Escolar (3 itens). Todos os itens são respondidos numa escala de resposta tipo *Likert* de três pontos, desde *Nunca* (0) a *Frequentemente* (2). Pontuações mais altas indicam maior envolvimento em atividade criminal/ilícita.

3.3 Procedimentos metodológicos

Este estudo integra um projeto de investigação mais amplo sobre “experiências de vitimação na idade adulta e saúde mental na adolescência: o papel de variáveis individuais e sociocognitivas”, coordenado por uma equipa de investigadores da ULP e da ULHT. O projeto foi submetido e aprovado pela Comissão de Ética e Deontologia da Investigação Científica (CEDIC) da Escola de Psicologia e Ciências da Vida da ULHT.

Numa primeira fase foram requeridas as devidas autorizações, para utilização dos instrumentos, juntos dos respetivos autores. Depois, foram estabelecidos vários contactos com escolas profissionais e privadas dos distritos do Porto e Braga explicando os objetivos do estudo e solicitando apoio para efeitos de recolha de dados.

Nos casos de resposta positiva, iniciaram-se os procedimentos de recolha, que envolveram, pelo menos, dois contactos presenciais com os potenciais participantes: um primeiro contacto de apresentação da equipa, dos objetivos do trabalho e de clarificação

dos procedimentos e condições de participação (livre e voluntária, anónima e confidencial, mediante consentimento expresso dos respetivos responsáveis legais e assentimento dos próprios); um segundo contacto de administração do protocolo de instrumentos, em contexto de sala de aula e com a presença permanente de, pelo menos, um membro da equipa de investigação, para assegurar o esclarecimento de qualquer dúvida.

Como forma de salvaguardar o anonimato das respostas, os consentimentos dos responsáveis legais e dos jovens (com dados identificativos) eram recolhidos antes da entrega dos protocolos e guardados num envelope separado.

Foi ainda disponibilizado um contacto de e-mail para o caso de os participantes pretenderem contactar a equipa de investigação.

A recolha de dados decorreu entre abril e junho de 2017.

Para efeitos analíticos, foram realizadas análises de correlação e análises de regressão, levadas a cabo através do *software IBM SPSS Statistics* (SPSS, versão 23.0).

4. Resultados

4.1 Medidas descritivas das variáveis em estudo

Começa-se por apresentar na Tabela 2 as medidas descritivas das variáveis em estudo: QEVIA (Subescalas *Violência Psicológica* [VP], *Violência Física* [VF] e *Violência Sexual* [VS]); *Número de diferentes experiências de violência sofridas* (N.º Exp); EADS (Subescalas *Ansiedade* [Ans] e *Depressão* [Dep]); ASRDS (Subescalas *Crimes relacionados com Drogas e Álcool* [CDA], *Vandalismo* [V] e *Crimes em Contexto Escolar* [CCE]); EBEP (Subescalas *Autonomia* [A], *Domínio do Meio* [DM], *Crescimento Pessoal* [CP], *Relações Positivas* [RP], *Objetivos na Vida* [OV] e *Aceitação de Si* [AS]).

Tabela 2

Medidas descritivas das variáveis em estudo: QEVIA, N.º Experiências, EADS, ASRDS e EBEP

		<i>M</i>	<i>DP</i>	<i>Min.</i>	<i>Max</i>
QEVIA	Violência Psicológica (VP)	2.80	4.07	0	21
	Violência Física (VF)	.79	2.32	0	15
	Violência Sexual (VS)	.44	1.99	0	20
N.º Exp.		.91	.95	0	3
EADS	Ansiedade (Ans)	4.54	4.57	0	20
	Depressão (Dep)	5.54	5.24	0	21
ASRDS	Crimes relacionados com Drogas e Alcool (CDA)	1.65	2.22	0	12
	Vandalismo (V)	.75	1.78	0	12
	Crimes em Contexto Escolar (CCE)	.61	1.17	0	6
EBEP	Autonomia (A)	19.39	3.09	10	25
	Domínio do meio (DM)	17.63	2.73	9	24
	Crescimento pessoal (CP)	21.65	2.36	13	25
	Relações positivas (RP)	18.70	3.30	10	25
	Objetivos na vida (OV)	18.09	3.48	7	25
	Aceitação de Si (AS)	18.47	3.86	7	25

4.2 Vitimação e Sintomatologia psicopatológica: Teste da Hipótese 1

Tal como podemos verificar na tabela 3, os diferentes tipos de violência (psicológica, física e sexual) estão associados de forma positivamente significativa à sintomatologia ansiosa e depressiva, indicando portanto que níveis superiores dos primeiros estão associados a níveis superiores dos segundos.

Tabela 3

Vitimação e Sintomatologia psicopatológica de internalização: Análises de Correlação

	1	2	3	4	5
1. QEVIA_VP	-				
2. QEVIA_VF	.519***	-			
3. QEVIA_VS	.039	.165	-		
4. EADS_Ans	.512***	.432***	.234*	-	
5. EADS_Dep	.489***	.365***	.209*	.731***	-

Nota. Os valores apresentados representam *Coeficientes de correlação de Pearson*. ** $p < .01$; *** $p < .001$

Por sua vez, e tal como ilustrado na tabela 4, níveis superiores de experiências de vitimação estão associados a níveis superiores de sintomatologia de externalização, consubstanciando-se em correlações positivamente significativas (exceto entre a VP e CDA, assim como VP e CCE).

Tabela 4*Vitimação e Sintomatologia psicopatológica de externalização: Análises de Correlação*

	1	2	3	4	5	6
1. QEVIA_VP	-					
2. QEVIA_VF	.519***	-				
3. QEVIA_VS	.039	.165	-			
4. ASRDS_CDA	.034	.200*	.459***	-		
5. ASRDS_V	.211*	.301**	.647***	.629***	-	
6. ASRDS_CCE	.160	.240*	.454***	.444***	.651***	-

Nota. Os valores apresentados representam *Coeficientes de correlação de Pearson*. * $p < .05$; ** $p < .01$; *** $p < .001$

4.3 Vitimação, N.º diferentes experiências de violência e Sintomatologia psicopatológica: Testes de moderação (Hipótese 2)

De modo a analisar o potencial efeito moderador do número de diferentes experiências de violência na relação entre a vitimação e a sintomatologia psicopatológica, foram conduzidas diferentes análises de regressão múltipla, apresentadas nas Tabelas 5 e 6 (Tabela 5 – sintomatologia de internalização: VD1: Ansiedade; VD2: Depressão; Tabela 6 – sintomatologia de externalização: VD1: Crimes Relacionados com Droga e Alcool, VD2: Vandalismo, VD3: Crimes em Contexto Escola). Para tal, procedemos à centralização dos valores das variáveis independentes/preditoras (Violência Psicológica, Violência Física, Violência Sexual) e da variável moderadora (número diferentes experiências), por forma a eliminar a colinearidade não essencial. O termo de interação representa o produto entre cada um dos tipos de violência e o número diferentes experiências de violência.

Tal como se ilustra na Tabela 5 e 6 (respetivamente), o número de diferentes experiências de violência modera a relação entre a Violência Física e a Ansiedade ($\beta = -1.608$, $p = .021$), assim como entre a Violência Sexual e os Crimes relacionados com Alcool e Drogas ($\beta = -1.664$, $p = .010$). Nos restantes casos, a relação entre as experiências de vitimação e a sintomatologia de internalização não é moderada pelo número de experiências sofridas.

Tabela 5

*Vitimação, número diferentes experiências de violência e Sintomatologia Psicopatológica de internalização:
Testes de moderação*

		R ²	F (df ₁ , df ₂)	<i>p</i>	β	<i>p</i>
EADS_Ans	Violência Psicológica					
	QEVIA_VP	.276	(3, 100) 12.712	.000	2.518	.001
	N. Exp				.235	.668
	QEVIA_VP* N. Exp				-.455	.379
	Violência Física					
	QEVIA_VF	.268	(3, 100) 12.195	.000	3.843	.001
	N. Exp				.589	.237
	QEVIA_VF* N. Exp				-1.608	.021
	Violência Sexual					
	QEVIA_VS	.172	(3, 100) 6.939	.000	1.117	.487
	N. Exp				1.575	.001
	QEVIA_VS* N. Exp				-.458	.740
EADS_Dep	Violência Psicológica					
	QEVIA_VP	.262	(3, 102) 12.060	.000	1.769	.031
	N. Exp				1.089	.082
	QEVIA_VP* N. Exp				-.058	.921
	Violência Física					
	QEVIA_VF	.242	(3, 102) 10.831	.000	2.602	.050
	N. Exp				1.483	.010
	QEVIA_VF* N. Exp				-1.068	.178
	Violência Sexual					
	QEVIA_VS	.208	(3, 102) 8.933	.000	.823	.641
	N. Exp				2.129	.000
	QEVIA_VS* N. Exp				-.321	.833

Nota. Os valores β representam coeficientes não padronizados.

Tabela 6

Vitimação, número diferentes experiências de violência e Sintomatologia Psicopatológica de externalização: Testes de moderação

		R ²	F (df ₁ , df ₂)	p	β	P
ASRDS_CDA	Violência Psicológica					
	QEVIA_VP	.046	(3,101) 1.640	.185	-.640	.112
	N. Exp				.629	.042
	QEVIA_VP* N. Exp				.375	.197
	Violência Física					
	QEVIA_VF	.037	(3,101) 1.310	.275	.341	.602
	N. Exp				.166	.545
	QEVIA_VF* N. Exp				-.021	.958
	Violência Sexual					
	QEVIA_VS	.272	(3,101) 12.566	.000	-.883	.229
	N. Exp				.154	.450
	QEVIA_VS* N. Exp				1.664	.010
ASRDS_V	Violência Psicológica					
	QEVIA_VP	.078	(3,103) 2.919	.038	.233	.471
	N. Exp				.389	.116
	QEVIA_VP* N. Exp				-.145	.533
	Violência Física					
	QEVIA_VF	.116	(3,103) 4.489	.005	.006	.990
	N. Exp				.373	.086
	QEVIA_VF* N. Exp				.244	.420
	Violência Sexual					
	QEVIA_VS	.433	(3,103) 26.247	.000	.600	.259
	N. Exp				.206	.162
	QEVIA_VS* N. Exp				.430	.347
ASRDS_CCE	Violência Psicológica					
	QEVIA_VP	.048	(3,103) 1,733	.165	.322	.134
	N. Exp				.044	.787
	QEVIA_VP* N. Exp				-.205	.185
	Violência Física					
	QEVIA_VF	.064	(3,103) 2.363	.076	.338	.318
	N. Exp				.044	.763
	QEVIA_VF* N. Exp				-.053	.793
	Violência Sexual					
	QEVIA_VS	.220	(3,103) 9.703	.000	.959	.020
	N. Exp				.006	.957
	QEVIA_VS* N.Exp				-.401	.253

Nota. Os valores β representam coeficientes não padronizados.

Posteriormente, recorreremos ao *ModGraph* de modo a apresentar graficamente os resultados encontrados relativamente aos efeitos de moderação estatisticamente significativos descritos anteriormente (Figuras 3 e 4).

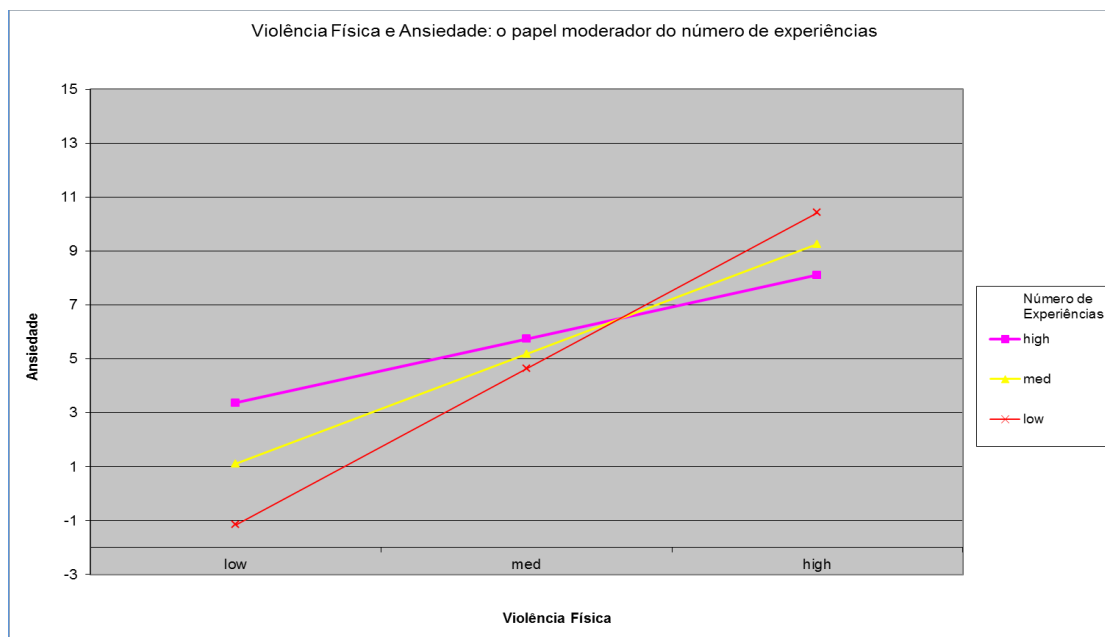


Figura 3

Gráfico (1) efeito de moderação do número de experiências de violência entre a violência física e a ansiedade

Como representado, a associação entre a violência física e a ansiedade é particularmente forte para os jovens com um número mais reduzido de experiências. Tal significa que mais experiências de violência física estão associadas a níveis mais elevados de ansiedade, particularmente, para os sujeitos com um menor número de experiências de Vitimação.

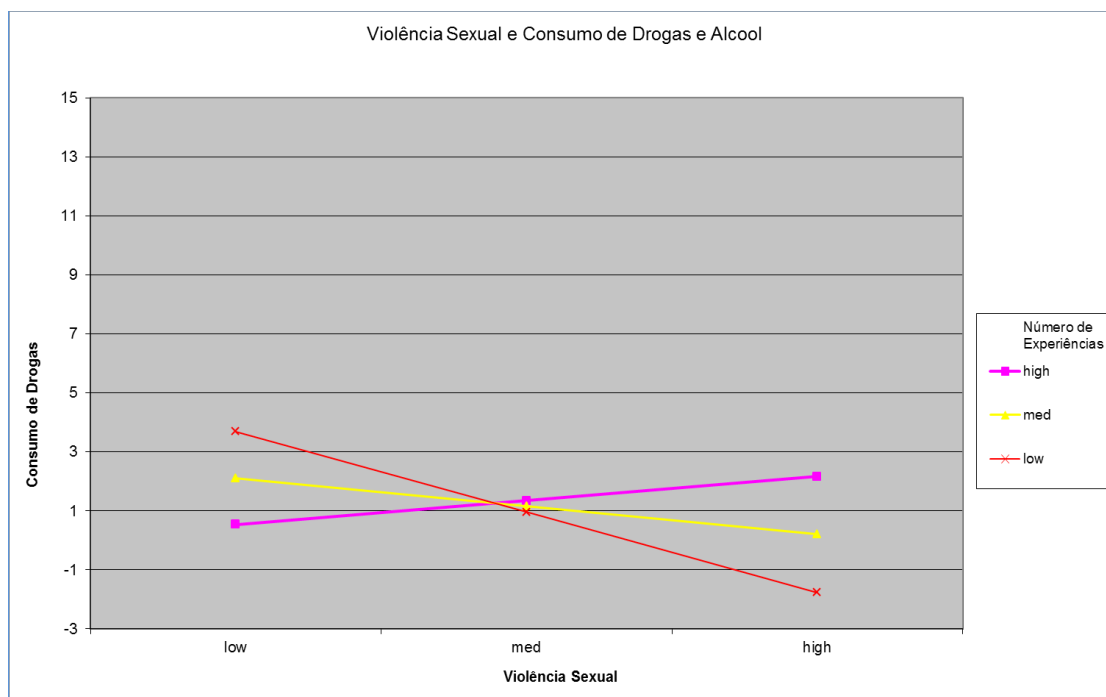


Figura 4

Efeito de moderação do número de experiências de violência entre a violência sexual e o consumo de drogas e álcool

Por sua vez, a experiência de violência sexual está associada a níveis superiores de consumo de droga e álcool, especificamente para os jovens com maior número de experiências de Vitimação (Figura 4).

4.4 Vitimação e Bem-Estar Psicológico (Hipótese 3)

A tabela 7 apresenta os resultados obtidos relativamente às correlações entre as experiências de vitimação e as distintas subdimensões de BEP.

Como ilustrado, os resultados indicaram a existência de correlações negativamente significativas entre a violência psicológica e duas subdimensões do BEP, nomeadamente Domínio do Meio e Aceitação de Si.

Tabela 7
Vitimação e bem-estar psicológico: Análises de Correlação

	1	2	3	4	5	6	7	8	9
1. QEVIA_VP	-								
2. QEVIA_VF	.519***	-							
3. QEVIA_VS	.039	.165	-						
4. EBEP_A	.035	-.123	.046	-					
5. EBEP_DM	-.345***	-.176	.019	.284**	-				
6. EBEP_CP	.154	-.019	.014	.267**	.186	-			
7. EBEP_RP	.002	.068	.101	-.009	.397***	.166	-		
8. EBEP_OV	-.138	-.080	.003	.122	.624***	.266**	.318**	-	
9. EBEP_AS	-.272**	-.161	.090	.246*	.667***	.211*	.370***	.611***	-

Nota. Os valores apresentados representam *Coeficientes de correlação de Pearson*. * $p < .05$; **; $p < .01$; *** $p < .001$

4.5 Vitimação, N.º diferentes experiências de violência e BEP: Testes de moderação (Hipótese 4)

À semelhança do realizado para a sintomatologia psicopatológica (internalização e externalização), foi realizado um conjunto de análises de regressão múltipla por forma a analisar o potencial efeito moderador do número diferentes experiências de violência na relação entre as diferentes experiências de vitimação (psicológica, física e sexual) e cada uma das subdimensões do BEP (VD1: *Autonomia [A]*; VD2: *Domínio do Meio [DM]*; VD3: *Crescimento Pessoal [CP]*; VD4: *Relações Positivas [RP]*; VD5: *Objetivos na Vida [OV]*; VD6: *Aceitação de Si [AS]*).

As análises foram efetuadas com as VI's centradas (QEVIA e N.º Exp), por forma a eliminar a colinearidade não essencial. Os valores β representam coeficientes não padronizados.

Como podemos constatar na tabela 8, os resultados indicaram que não existe qualquer efeito de moderação estatisticamente significativo do número de experiências na relação entre Vitimação e bem-estar psicológico.

Tabela 8*Vitimação, número diferentes experiências de violência e Bem-Estar Psicológico: Testes de moderação*

		R ²	F (df ₁ , df ₂)	<i>p</i>	β	<i>p</i>
EBEP_A	Violência Psicológica					
	QEVIA_VP	.016	(3,97) .518	.671	.173	.762
	N. Exp				-.350	.423
	QEVIA_VP* N. Exp				.245	.555
	Violência Física					
	QEVIA_VF	.019	(3,97) .633	.595	.171	.848
	N. Exp				-.043	.912
	QEVIA_VF* N. Exp				-.354	.511
	Violência Sexual					
	QEVIA_VS	.022	(3,97) .726	.539	-1.222	.301
	N. Exp				-.098	.766
	QEVIA_VS* N. Exp				1.265	.215
EBEP_DM	Violência Psicológica					
	QEVIA_VP	.123	(3,99) 4.622	.005	-.713	.130
	N. Exp				.025	.944
	QEVIA_VP* N. Exp				-.261	.441
	Violência Física					
	QEVIA_VF	.055	(3,99) 1.924	.131	-.144	.852
	N. Exp				-.454	.176
	QEVIA_VF* N. Exp				-.091	.844
	Violência Sexual					
	QEVIA_VS	.054	(3,99) 1.895	.135	.663	.515
	N. Exp				-.674	.020
	QEVIA_VS* N. Exp				-.392	.655
EBEP_CP	Violência Psicológica					
	QEVIA_VP	.025	(3,100) .844	.473	.451	.277
	N. Exp				-.153	.633
	QEVIA_VP* N. Exp				-.025	.935
	Violência Física					
	QEVIA_VF	.013	(3,100) .425	.735	-.405	.543
	N. Exp				.300	.296
	QEVIA_VF* N. Exp				.128	.748
	Violência Sexual					
	QEVIA_VS	.010	(3,100) .336	.800	-.636	.467
	N. Exp				.202	.407
	QEVIA_VS* N. Exp				.550	.466
EBEP_RP	Violência Psicológica					
	QEVIA_VP	.010	(3,98) .320	.811	-.433	.480
	N. Exp				.169	.720
	QEVIA_VP* N. Exp				.429	.333

	Violência Física						
	QEVIA_VF	.005	(3,98) .148	.931	-.083	.933	
	N. Exp				-.019	.965	
	QEVIA_VF* N. Exp				.188	.751	
	Violência Sexual						
	QEVIA_VS	.016	(3,98) .521	.668	-.416	.745	
	N. Exp				-.028	.939	
	QEVIA_VS* N. Exp				.685	.535	
	EBEP_OV	Violência Psicológica					
		QEVIA_VP	.022	(3,99) .758	.520	-.422	.508
N. Exp		.154				.754	
QEVIA_VP* N. Exp		-.188				.683	
Violência Física							
QEVIA_VF		.015	(3,99) .504	.681	-1.065	.296	
N. Exp					.057	.896	
QEVIA_VF* N. Exp					.559	.361	
Violência Sexual							
QEVIA_VS		.004	(3,99) .140	.936	.164	.903	
N. Exp					-.242	.521	
QEVIA_VS* N. Exp					-.087	.940	
EBEP_AS		Violência Psicológica					
		QEVIA_VP	.081	(3,96) 2.826	.043	-.634	.371
	N. Exp	-.025				.962	
	QEVIA_VP* N. Exp	-.569				.327	
	Violência Física						
	QEVIA_VF	.034	(3,96) 1.142	.336	-1.764	.464	
	N. Exp				-.152	.815	
	QEVIA_VF* N. Exp				1.149	.575	
	Violência Sexual						
	QEVIA_VS	.048	(3,96) 1.626	.188	1.627	.277	
	N. Exp				-.845	.047	
	QEVIA_VS* N. Exp				-1.000	.440	

5. Discussão, Limitações e Conclusão

Neste estudo analisou-se a associação entre experiências de vitimação na adolescência e funcionamento psicológico, assim como o potencial efeito moderador do número de experiências de violência em tal relação.

Os resultados obtidos vêm comprovar a relação entre vitimação e funcionamento psicológico na adolescência (Hipóteses 1 e 3), permitiu constatar associações estaticamente positivas entre todos os tipos de violência e sintomatologia psicopatológica de internalização/externalização (à exceção entre Violência Psicológica e Crimes relacionados com Droga e Álcool e Violência Psicológica e Crimes em Contexto Escolar), e associações estaticamente negativas, entre violência psicológica e duas subdimensões do bem-estar psicológico (Domínio do Meio e Aceitação de Si). Os resultados vão de encontro com conclusões de outros estudos (De Los Reyes & Prinstein, 2004; Stoliker, 2016; Turner, Finkelhor, & Ormrod, 2006).

Por sua vez, os resultados relativos aos modelos de moderação referentes à H2 onde podemos constatar que o número de experiências de violência modera a relação entre a violência física e ansiedade, assim como a violência sexual e crimes relacionados com álcool e droga. Estes resultados são corroborados com estudos realizados sobre o fenómeno. Em particular, estudos sobre grupo de pares e contexto escolar, evidenciam que os adolescentes nas relações interpessoais exercem entre si mais violência física e isso tem impacto a nível da saúde, gerando maiores níveis de ansiedade (e.g., Bontempo & Pereira, 2012). No que se refere à violência sexual existe de igual modo estudos que enunciam resultados onde existe esta relação (e.g., Chiodo, Wolfe, Crooks, Hughes, & Jaffe, 2009), onde se pode constatar que a violência sexual está fortemente associada a elevados níveis de automutilação, ideação suicida, abuso de substâncias, distúrbios alimentares.

Relativamente à H4, esta não se confirma, não existe qualquer efeito de moderação estatisticamente significativo do número de experiências na relação entre Vitimação e bem-estar psicológico. Apesar de o número de experiências de violência ter efeitos na psicopatologia, não tem efeito ao nível do Bem-Estar. O número de experiências de violência não parece constituir-se como uma variável relevante nesta relação. A vitimação, por si só, pode ser mais explicativa desta relação, pois considerando estudos que procuram avaliar a relação entre experiências de violência e Bem-estar, em particular o psicológico, existe uma correlação negativa entre o BEP e todas as formas de violência (e.g., Hamdan-Mansour, Arabiat, Sato, Obaid & Imoto, 2011).

Há que considerar que este estudo tem algumas limitações que devem ser tomadas em conta na interpretação e conclusão dos resultados, nomeadamente: o recurso a medidas de autorrelato; o protocolo ser demasiado extenso; apesar das garantias de confidencialidade e a privacidade das respostas, o facto de ter sido em contexto de sala de aula pode ter condicionado as respostas; a amostra, não é representativa da população adolescente, assim, num futuro os estudos devem privilegiar amostras mais representativas; maior resistência de famílias sinalizadas, que podem ser contextos onde os níveis de vitimação são mais elevados; por outro lado também pode explicar-se pelo maior receio de exposição pelo maior escrutínio, atendendo ao contexto de recolha (escola).

Não obstante as limitações supracitadas, o presente trabalho permitiu concluir que apesar de haver muito a fazer no que diz respeito à compreensão sobre o impacto do número de experiências de vitimação no funcionamento psicológico do adolescente, existe um crescente interesse sobre este domínio. Globalmente, os resultados corroboram com estudos já realizados, que indicam o forte impacto no funcionamento psicológico, no que se refere a experiências de vitimação. Assim, para futuras investigações seria importante o investimento no estudo do bem-estar. Este é o caminho mais fácil e menos dispendioso para a construção de melhor ajustamento psicológico nos indivíduos. É, igualmente, urgente que no futuro se pense em estudos longitudinais e de metodologia mista. Com tal feito poderá ser possível ter respostas mais fidedignas sobre o real impacto destas vivências e nível de ajustamento e funcionamento psicológico.

Em suma, este estudo contribuiu para o alcance e compreensão de uma visão mais holística e integrada deste tipo de fenómeno, sugerindo implicações importantes para a intervenção neste domínio.

Bibliografia

- Associação Portuguesa de Apoio à Vítima (2011). *Estatísticas APAV. Relatório annual 2011*.
- Associação Portuguesa de Apoio à Vítima (2017). *Estatísticas APAV. Relatório annual 2017*.
- Berman, S.L., Kurtines, W., Silverman, W., & Serafini, L.T. (1996). The impact of exposure to crime and violence on urban youth. *American Journal of Orthopsychiatry*, 66(3):329-36.
- Carvalhosa, S., Moleiro, C., & Sales, C. (2009). *A situação do bullying nas escolas portuguesas. Interações*, 5, 125–146.
- Card, N., & Hodges, E. (2008). Peer victimization among schoolchildren: Correlations, causes, consequences, and considerations in assessment and intervention. *School Psychology Quarterly*, 23, 451–461.
- Dahlberg, L., & Krug, E. (2007). Violence a global public health problem. *Ciência & Saúde Coletiva*, 11, 1163–1178.
- Eisenstein, E. (2005). Adolescência: definições, conceitos e critérios. *Adolescência & Saúde*. 2. Volume 2.
- Feijó, R., & Oliveira, É. (2001). Comportamento de risco na adolescência. *Jornal de Pediatria*, 77 (Supl. 2), 125–134.
- Felitti, J., Anda, R. F., Nordenberg, D., Williamson, D. F., Spitz, A. M., Edwards, V., Koss, M. P., & Marks, J. S. (1998) Relationship of Childhood Abuse and Household Dysfunction to Many of the Leading Causes of Death in Adults. The Adverse Childhood Experiences (ACE) Study. *American Journal of Preventive Medicine*, 14, 4.
- Freire, T., Zenhas, F., Tavares, D., & Iglésias, C. (2013). Felicidade Hedónica e Eudaimónica: Um estudo com adolescentes portugueses. *Análise Psicológica*, 31(4), 329-342.
- Finkelhor, D. (1993) Epidemiological factors in the clinical identification of child sexual abuse. *Child Abuse and Neglect*, 17(1), 67-70.
- Finkelhor, D., Turner, H., Hamby, S., & Ormrod, R. (2011). Polyvictimization: Children's exposure to multiple types of violence, crime, and abuse. *Free Inquiry in Creative Sociology*, 39, 24–34.
- Finkelhor, D., Ormrod, R. K., & Turner, H. A. (2007). Poly-victimization: A neglected component in child victimization. *Child Abuse and Neglect*, 31, 7–26.

Finkelhor, D., Ormrod, R. K., Turner, H. A., & Hamby, S. L. (2005). Measuring polyvictimization using the Juvenile Victimization Questionnaire. *Child Abuse and Neglect*, 29, 1297–1312.

Finkelhor, D., Ormrod, R., Turner, H., & Hamby, S. L. (2005). The Victimization of Children and Youth: A Comprehensive, National Survey. *Child Maltreatment*, 10, 5– 25.

Fleming, M. (2003). A saída de casa: a separação da família na pós-adolescência. Lição de Síntese apresentada para apreciação nas provas de obtenção do título de Professora Agregada do 6º Grupo, Subgrupo D (Psicologia), do Instituto de Ciências Biomédicas de Abel Salazar, Universidade do Porto, Porto.

Hope, T., Bryan, J., Trickett, A., & Osborn, D.R. (2001). The phenomena of multiple victimization: The relationship between personal and property crime risk. *British Journal of Criminology*, vol. 41, no. 4, 595-617.

Kazdin, A. E.; Kraemer, H. C.; Kessler, R. C.; Kupfer, D. J., & Offord, D. R. (1997). Contributions of risk-factor research to developmental psychopathology. *Clinical Psychology Review*, 17, 375-406.

Keyes, C. L. M. (2002). The Mental Health Continuum: From Languishing to Flourishing in Life. *Journal of Health and Social Behavior*, 43, 207.

Matos, M., Conde, R., & Peixoto, J. (2013). Vitimação múltipla feminina ao longo da vida: uma revisão sistemática da literatura.

Magalhães, T. (2005). *Maus tratos em crianças e jovens*. Coimbra: Quarteto.

Matos, M. G., Reis, M., Camacho, I., Simões, C., Gomez-Baya, D., Mota, C., & Machado, C. M. (2015). Em tempo de recessão, os adolescentes Portugueses continuam Saudáveis e felizes ou São ainda Saudáveis mas Já Não Felizes? *Arquivos de Medicina*, 29(5), 116–122.

Organização Mundial de Saúde. (2006). *Relatório Mundial de Saúde 2006: Trabalhando Juntos pela Saúde*. Geneva: World Health Organization.

Raviv, T., Taussig, H., Culhane, S.E., & Garrido, E.F. (2010). Cumulative Risk Exposure and Mental Health Symptoms among Maltreated Youths Placed in Out-of-Home Care. *Child abuse & neglect*, 34(10):742-51.

Ryff, C. D., & Keyes, C. L. M. (1995). The structure of psychological well-being revisited. *Journal of Personality and Social Psychology*, 69, 719–727.

Rigby, K. (1999). Peer victimisation at school and the health of secondary school students. *The British Journal of Educational Psychology*, 69, 95–104.

Ryan, R. M., & Deci, E. L. (2001). On happiness and human potentials: A review of

research on hedonic and eudaimonic well-being. *Annual review of psychology*, 52(1), 141-166.

Ryff, C. D. (1989). Happiness is everything, or is it? Explorations on the meaning of psychological well-being. *Journal of Personality and Social Psychology*, 57 (6), 1069-1081.

Rosário, A.C., Candeias, A., & Melo, M. (2017). Violência entre pares na adolescência: Um estudo com estudantes no início e no final do 3.º ciclo do ensino básico. *Revista PSICOLOGIA*, Vol. 31(2), 57-68.

Ruzany, M. H., & Meirelles, Z. V. (2009). Adolescência, juventude e violência. *Revista Adolescência e Saúde*, 6 (3).

Sampaio, D. (1994) *Inventem-se novos pais*. 12ª Ed. Lisboa: Caminho.

Saúde, A. C. (2011). Bullying e bem-estar psicológico em alunos dos 2º e 3º ciclos do ensino básico e secundário. *Dissertação Para Grau de Mestre.*, 1–146.

Seliar, M. (2007). História do conceito de saúde. *Revista Saúde Coletiva*, Rio de Janeiro, 17(1):29-41.

Seligman, M., & Csikszentmihalyi, M. (2000). Positive psychology: An introduction. *American Psychologist*, 55, 5-14.

Siqueira, M. M. M., & Padovam, V. A. R. (2008). Bases teóricas de bem-estar subjetivo, bem-estar psicológico e bem-estar no trabalho. *Psicologia: teoria e pesquisa*, 24(2), 201-209.

Spinthall, N. A. & Collins, W. A. (2008). *Psicologia do adolescente: Uma abordagem desenvolvimentista*, (4ª ed.). Lisboa: Fundação Calouste Gulbenkian.

Soares, M. C. N. (2017), Conflitualidade e violência na escola: Um diagnóstico concelhio e a avaliação do impacto de uma proposta de intervenção. *Tese de doutoramento*, Universidade da Beira Interior, pp. 23-29.

Tavares, J. & Alarcão, I. (1992), *Psicologia do desenvolvimento e da aprendizagem*. 1ª Ed. Coimbra: Livraria Almedina.

Turner, H. A., Finkelhor, D., & Ormrod, R. (2006). The effect of lifetime victimization on the mental health of children and adolescents. *Social Science and Medicine*, 62, 13–27.

United Nations Children's Fund (2017) *UNICEF for every child.. Annual Report 2017*.

World Health Organization. (1946). *Constitution of World Health Organization*. Geneva: World Health Organization

World Health Organization. (2002). *The World health report 2002: Reducing risks, promoting healthy life*. Geneva: World Health Organization

Anexos

CONSENTIMENTO INFORMADO

- Responsável legal/Encarregado de Educação -

O presente documento refere-se ao pedido de consentimento para que o/a seu/sua educando/a participe voluntariamente num estudo desenvolvido pela Escola de Psicologia e Ciências da Vida da Universidade Lusófona de Humanidades e Tecnologias (Lisboa), com a coordenação da Professora Doutora Eunice Magalhães e pela Universidade Lusófona do Porto, com a coordenação da Professora Doutora Carla Antunes. Para que possa decidir se deseja ou não que o/a seu/sua educando/a participe neste estudo, iremos explicitar os seus objetivos, potenciais riscos e benefícios. Deste modo, a sua decisão será informada. Todas estas informações estão presentes neste formulário designado por termo de consentimento informado. Leia atentamente este termo e coloque à equipa de investigadores as questões que considere necessárias e importantes no contexto desta participação. A equipa de investigação deste estudo esclarecerá as suas dúvidas ou questões. Depois de compreender os objetivos deste estudo e se aceitar que o/a seu/sua educando/a participe, ser-lhe-á solicitado que assine este termo.

Contextualização do estudo

Este estudo foi aprovado pela Comissão de Ética da Escola de Psicologia e Ciências da Vida da Universidade Lusófona de Humanidades e Tecnologias, que consiste num grupo de investigadores independentes e que avaliam o presente estudo do ponto de vista ético, nomeadamente, assegurando que salvaguarda a inexistência de potenciais riscos/danos para os participantes.

Este estudo tem como objetivo compreender o funcionamento psicológico dos jovens (12-18 anos) enquanto dimensão fundamental no seu processo de crescimento e desenvolvimento, assim como explorar o papel de variáveis individuais e sociais neste processo.

Se aceitar, o que é pedido ao meu educando/à minha educanda?

Pedimos-lhe que preencha um conjunto de questionários. Este preenchimento poderá demorar aproximadamente 30 minutos.

Há riscos ou inconvenientes da participação do meu educando/da minha educanda?

Não antecipamos riscos significativos na participação do seu/sua educando/a. De qualquer modo, se o preenchimento dos questionários desencadear algum desconforto (e.g., cansaço, emoções negativas), salvaguardamos que o seu/sua educando/a poderá deixar de participar quando desejar, e que tem disponível o apoio das investigadoras deste projeto e de profissionais devidamente habilitados para lhe providenciar o suporte necessário.

Qual a vantagem de participar?

A informação recolhida e analisada após o preenchimento dos questionários permitirá contribuir para progressos significativos ao nível do conhecimento científico sobre este tópico, permitindo o desenho de ações de prevenção e intervenção mais eficazes.

Participação/ Abandono voluntário

A participação do seu educando/da sua educanda é voluntária, podendo recusar-se a participar ou interromper a qualquer momento a participação no estudo, sem qualquer tipo de penalização por este facto. Do mesmo modo, se decidir preencher apenas parte do questionário terá essa opção.

Quem tem acesso aos dados?

Os dados recolhidos são anónimos e confidenciais, e nunca lhe será solicitado qualquer dado identificativo. Apenas os elementos da equipa de investigação têm acesso aos dados. Os dados serão tratados em conjunto e não individualmente, e a sua eventual publicação terá lugar em revistas científicas.

Condições financeiras inerentes ao estudo

Não será remunerado pela participação neste estudo, nem haverá qualquer custo para o/a seu/sua educando/a pela sua participação neste estudo.

Se precisar de mais informações, com quem devo contactar?

Por favor, contacte com uma das investigadoras responsáveis: Eunice Magalhães (eunice.magalhaes@ulusofona.pt) ou Carla Antunes (cantunes@ulp.pt).

Termo de Consentimento Informado

Fui informado/a de que a participação do meu/minha educando/da neste estudo é voluntária e que por isso podemos recusar-nos a participar, ou que podemos retirar-nos deste estudo a qualquer momento sem qualquer tipo de penalização por esse facto.

Compreendi toda a informação presente neste termo, nomeadamente os objetivos do estudo, e foi-me dada oportunidade de fazer perguntas, sendo que todas as minhas dúvidas foram esclarecidas.

Assim, aceito de livre vontade que o/a meu/minha educando/a participe no presente estudo.

Data: ____/____/____

O/a Participante

A investigadora

Termo de Assentimento Informado

- Participante/Jovem -

O funcionamento psicológico e, em particular, o bem-estar dos jovens (12-18 anos) é um aspeto muito importante no processo individual de crescimento e desenvolvimento de cada um.

Com o objetivo de conhecermos mais e melhor acerca desta temática, um grupo de investigadoras na Universidade Lusófona do Porto e na Universidade Lusófona de Humanidades e Tecnologias de Lisboa está a desenvolver um estudo que visa precisamente recolher e analisar dados sobre diferentes experiências de vida dos jovens e sobre a forma como estes se sentem face às mesmas. O estudo é coordenado pela Prof. Doutora Carla Antunes (Porto) e pela Prof. Doutora Eunice Magalhães (Lisboa), contando com o envolvimento de outras investigadoras, que se encontram a realizar as suas dissertações de mestrado.

Neste sentido, solicitamos a tua colaboração para a recolha de dados, a qual envolve o preenchimento de um questionário individualmente, sendo a tua participação voluntária, anónima e confidencial, com a total garantia de que nunca te será solicitado qualquer dado identificativo.

Podes desistir de colaborar em qualquer momento, sem que daí resulte qualquer implicação.

Para além disso, a equipa de investigação responsável pelo estudo compromete-se a salvaguardar os teus interesses e a prestar qualquer informação/apoio de que necessites.

.....

Eu, _____, declaro ter lido as informações prestadas e aceito livremente participar neste estudo.

Data: ____/____/____

O/a Participante

A investigadora

EVSM-A

Ao longo das próximas páginas, encontrarás um conjunto de **questões**, organizadas em **diferentes partes**. Lê com atenção as **instruções específicas de cada uma dessas secções** e responde da forma mais **sincera** possível. Estamos apenas interessados em conhecer a tua opinião e **não existem respostas certas ou erradas**. Por favor, tenta **responder a todas as questões**. Relembramos que as **respostas são anónimas** e **A TUA PARTICIPAÇÃO É MUITO IMPORTANTE**.

PARTE I – Questionário Sociodemográfico

1. **Sexo:** Masculino ☐ Feminino ☐
2. **Idade:** _____
3. **Nacionalidade:** _____
4. **Distrito de residência:** _____
5. **Ano de escolaridade que frequentas atualmente:** _____
6. **Quantas vezes já reprovaste de ano?** _____ (Zero, se nunca aconteceu)
7. **No último período, que nota tiveste a Matemática?** _____
8. **No último período, que nota tiveste a Português?** _____
9. **Relacionamento amoroso atual:** Sem relação ☐ Numa relação ☐
 Se, atualmente, estás numa relação amorosa...
 - 9.1. **Sexo do/a namorado/a atual:** Masculino ☐ Feminino ☐
 - 9.2. **Duração da tua relação atual (especificando meses e/ou anos):** _____
10. **Quem mora na tua casa?** (Indica todas as pessoas que moram contigo)

11. **Indica a profissão do teu pai:** _____
 - 11.1. **Habilitações académicas do pai** (Seleciona uma opção, marcando uma X)
 ____ 1º Ciclo (1º - 4º ano do Ensino Básico)
 ____ 2º Ciclo (5º - 6º ano do Ensino Básico)
 ____ 3º Ciclo (7º - 9º ano do Ensino Básico)
 ____ Secundário (10º - 12º ano do Ensino Básico)
 ____ Ensino Superior
12. **Indica a profissão da tua mãe:** _____
 - 12.1. **Habilitações académicas da mãe** (Seleciona uma opção, marcando uma X)
 ____ 1º Ciclo (1º - 4º ano do Ensino Básico)
 ____ 2º Ciclo (5º - 6º ano do Ensino Básico)
 ____ 3º Ciclo (7º - 9º ano do Ensino Básico)
 ____ Secundário (10º - 12º ano do Ensino Básico)
 ____ Ensino Superior

PARTE II – EBEP

(Ryff, 1989, adap. por Fernandes, Vasconcelos-Raposo, & Teixeira, 2010)

Assinala com uma cruz (X) a opção/expressão que **melhor traduzir a tua opinião** em relação às seguintes afirmações.

		1. Discordo plenamente	2. Discordo	3. Nem concordo nem discordo	4. Concordo	5. Concordo plenamente
1	É mais importante estar contente comigo próprio/a, do que ter a aprovação dos outros.	1	2	3	4	5
2	Acho desgastante não conseguir fazer tudo o que tenho para fazer em cada dia.	1	2	3	4	5
3	Com o passar dos tempos, ganhei um maior entendimento sobre a vida, tornando-me mais forte e capaz como pessoa.	1	2	3	4	5
4	As pessoas poderiam descrever-me como uma pessoa generosa e sempre pronta a partilhar o meu tempo com os outros.	1	2	3	4	5
5	Ainda não sei o rumo que quero dar à minha vida.	1	2	3	4	5
6	De um modo geral, sinto-me confiante e bem comigo próprio/a.	1	2	3	4	5
7	Eu avalio-me pelo que penso ser mais importante para mim e não por aquilo que os outros pensam.	1	2	3	4	5
8	No geral, sinto que sou responsável pela situação em que me encontro.	1	2	3	4	5
9	Para mim, a vida tem sido um processo contínuo de aprendizagem, mudança e crescimento.	1	2	3	4	5
10	Para mim é importante ouvir os meus amigos falar dos seus problemas.	1	2	3	4	5
11	Algumas pessoas não sabem o que querem fazer na vida, mas eu sei.	1	2	3	4	5
12	Gosto da maior parte dos aspetos da minha personalidade.	1	2	3	4	5
13	Raramente as pessoas me levam a fazer coisas que não quero fazer.	1	2	3	4	5
14	O meu dia-a-dia é ocupado, mas sinto-me satisfeito por dar conta do recado.	1	2	3	4	5

	(Continuação)	1. Discordo plenamente	2. Discordo	3. Nem concordo nem discordo	4. Concordo	5. Concordo plenamente
15	Penso que é importante ter novas experiências que ponham em causa a forma como pensamos acerca de nós próprios e do mundo.	1	2	3	4	5
16	Sei que posso confiar nos meus amigos e eles sabem que podem confiar em mim.	1	2	3	4	5
17	Os meus objetivos na vida têm sido mais uma fonte de satisfação, do que uma fonte de desilusão.	1	2	3	4	5
18	Na maior parte dos casos tenho orgulho no que sou e na vida que levo.	1	2	3	4	5
19	Sou o tipo de pessoa que pensa e age de modo a agradar aos outros.	1	2	3	4	5
20	Se não estivesse satisfeito com a minha vida, tentaria mudá-la.	1	2	3	4	5
21	Sinto que continuo a aprender mais acerca de mim próprio/a à medida que o tempo passa.	1	2	3	4	5
22	Sinto que tiro imenso partido das minhas amizades.	1	2	3	4	5
23	Sou uma pessoa que não desiste dos seus objetivos.	1	2	3	4	5
24	Quando me comparo com amigos e conhecidos, sinto-me bem em ser quem sou.	1	2	3	4	5
25	Tenho confiança nas minhas opiniões, mesmo quando são diferentes das outras pessoas.	1	2	3	4	5
26	Sou bastante competente a gerir as minhas responsabilidades no dia-a-dia.	1	2	3	4	5
27	Sou o tipo de pessoa que gosta de experimentar coisas novas.	1	2	3	4	5
28	Tenho muitas pessoas a quem recorrer quando preciso de desabafar.	1	2	3	4	5
29	Tenho prazer em fazer planos para o futuro e torná-los realidade.	1	2	3	4	5
30	Quando revejo a minha vida, fico contente com a forma como as coisas correram.	1	2	3	4	5

PARTE III – MSPSS

(Zimet, Dahlem, Zimet, & Farley, 1988, adap. por Carvalho, 2006)

Estamos agora interessados em perceber o que pensas em relação às seguintes afirmações. Lê cuidadosamente cada uma delas e, utilizando a escala apresentada, indica como te sentes acerca de cada, marcando com uma X a opção que melhor se aplica a ti.

		1. Discordo completamente	2. Discordo fortemente	3. Discordo parcialmente	4. Não tenho opinião	5. Concordo parcialmente	6. Concordo fortemente	7. Concordo completamente
1	Há uma pessoa especial que se encontra próximo quando necessito.	1	2	3	4	5	6	7
2	Há uma pessoa especial com quem posso partilhar as minhas alegrias e tristezas.	1	2	3	4	5	6	7
3	A minha família tenta ajudar-me verdadeiramente.	1	2	3	4	5	6	7
4	Tenho a ajuda emocional e o apoio que necessito da minha família.	1	2	3	4	5	6	7
5	Tenho uma pessoa que é verdadeiramente uma fonte de conforto para mim.	1	2	3	4	5	6	7
6	Os meus amigos realmente procuram ajudar-me.	1	2	3	4	5	6	7
7	Posso contar com os meus amigos quando algo corre mal.	1	2	3	4	5	6	7
8	Posso falar dos meus problemas com a minha família.	1	2	3	4	5	6	7
9	Tenho amigos com quem posso partilhar as minhas alegrias e tristezas.	1	2	3	4	5	6	7
10	Há uma pessoa especial na minha vida que se preocupa com os meus sentimentos.	1	2	3	4	5	6	7
11	A minha família está disponível para me ajudar a tomar decisões.	1	2	3	4	5	6	7
12	Posso falar dos meus problemas com os meus amigos.	1	2	3	4	5	6	7

PARTE IV – EADS

(Lovibond & Lovibond, 1995, adap. por Pais-Ribeiro, Honrado, & Leal, 2004)

Por favor, lê cada uma das **afirmações abaixo** e assinala **0, 1, 2 ou 3** para indicar quanto cada afirmação se aplicou a ti **durante a última semana**. Não há respostas certas ou erradas. Não leves muito tempo a indicar a tua resposta em cada afirmação.

		0. Não se aplicou nada a mim	1. Aplicou-se a mim algumas vezes	2. Aplicou-se a mim muitas vezes	3. Aplicou-se a mim a maior parte das vezes
1	Senti a minha boca seca.	0	1	2	3
2	Não consegui sentir nenhum sentimento positivo.	0	1	2	3
3	Senti dificuldades em respirar.	0	1	2	3
4	Tive dificuldade em tomar iniciativa para fazer coisas.	0	1	2	3
5	Senti tremores (por ex., nas mãos).	0	1	2	3
6	Preocupei-me com situações em que podia entrar em pânico e fazer figura ridícula.	0	1	2	3
7	Senti que não tinha nada a esperar do futuro.	0	1	2	3
8	Senti-me desanimado e melancólico.	0	1	2	3
9	Senti-me quase a entrar em pânico.	0	1	2	3
10	Não fui capaz de ter entusiasmo por nada.	0	1	2	3
11	Senti que não tinha muito valor como pessoa.	0	1	2	3
12	Senti alterações no meu coração sem fazer exercício físico.	0	1	2	3
13	Senti-me assustado sem ter tido uma boa razão para isso.	0	1	2	3
14	Senti que a vida não tinha sentido.	0	1	2	3

PARTE V – ASRDS

(Carroll, Houghton, Durkin, & Hattie, 2009, adap. por Pechorro, Vieira, Marôco, Barroso, & Gonçalves, 2015)

Os jovens fazem muitas coisas diferentes e podem quebrar algumas regras de vez em quando. Lê atentamente as questões e responde assinalando a opção correta para cada uma delas.

NOS ÚLTIMOS 12 MESES...

		0. Nunca	1. Algumas vezes	2. Frequentemente
1	Compraste bebidas alcoólicas?	0	1	2
2	Bebeste bebidas alcoólicas em sítios públicos (ex., discotecas)?	0	1	2
3	Fumaste haxixe (“ganza”) ou marijuana (“erva”)?	0	1	2
4	Usaste drogas duras (ex., ecstasy, cocaína ou heroína)?	0	1	2
5	Vendeste droga a outras pessoas?	0	1	2
6	Guiaste um carro ou mota quando estavas bêbado?	0	1	2
7	Estragaste de propósito material da escola (ex., cadeira, porta)?	0	1	2
8	Estragaste de propósito coisas públicas (ex., jardim, caixote do lixo)?	0	1	2
9	Estragaste de propósito coisas de outras pessoas (ex., carro, partir vidros)?	0	1	2
10	Ateaste de propósito um fogo?	0	1	2
11	Abanaste ou bateste em máquinas de venda automática (ex., de bebidas)?	0	1	2
12	Pintaste graffitis em sítios públicos?	0	1	2
13	Envolveste-te em lutas entre grupos?	0	1	2
14	Bateste em alguém?	0	1	2
15	Foste suspenso ou expulso da escola?	0	1	2

PARTE VI – COPE

(Carver, Scheier, & Weintraub, 1989, adap. por Cabral & Matos, 2004)

Neste questionário encontras um conjunto de afirmações sobre a forma como as pessoas reagem quando confrontadas com **situações difíceis ou geradoras de stress**. Existem inúmeras formas de lidar com estas situações. Ainda que possas reagir de forma diferente perante situações e problemas diferentes, gostaríamos que pudesses responder de acordo com a forma **como genericamente reages nas mais várias situações da tua vida e não numa situação específica**. Em cada um dos itens **assinala com uma cruz (X)** a resposta que te parece mais expressiva do modo **como habitualmente reages**.

Perante situações difíceis ou geradoras de stress, eu...

		1. Discordo totalmente	2. Discordo	3. Discordo moderadamente	4. Concordo moderadamente	5. Concordo	6. Concordo totalmente
1	Viro-me para o trabalho ou outras atividades para não pensar no assunto.	1	2	3	4	5	6
2	Sinto uma grande agitação emocional e procuro exprimir as minhas emoções.	1	2	3	4	5	6
3	Concentro os meus esforços na tentativa de resolver a situação.	1	2	3	4	5	6
4	Digo para mim próprio/a “isto não está acontecer”.	1	2	3	4	5	6
5	Rio-me da situação.	1	2	3	4	5	6
6	Admito que não consigo lidar com a situação e desisto de tentar.	1	2	3	4	5	6
7	Converso com alguém sobre o que estou a sentir.	1	2	3	4	5	6
8	Consumo drogas para me sentir melhor.	1	2	3	4	5	6
9	Falo com alguém que me possa dar informação útil ou ajudar a perceber melhor a situação.	1	2	3	4	5	6
10	Penso noutras coisas além da situação/problema em causa.	1	2	3	4	5	6
11	Faço piadas acerca da situação/problema.	1	2	3	4	5	6
12	Procuro obter apoio emocional dos meus amigos e/ou familiares.	1	2	3	4	5	6
13	Desisto de tentar atingir o meu objetivo.	1	2	3	4	5	6
14	Adoto medidas concretas para procurar resolver o problema/situação.	1	2	3	4	5	6
15	Tento abstrair-me e descontraí um pouco bebendo mais álcool que o habitual.	1	2	3	4	5	6
16	Recuso-me a acreditar no que aconteceu.	1	2	3	4	5	6

	(Continuação)	1. Discordo totalmente	2. Discordo	3. Discordo moderadamente	4. Concordo moderadamente	5. Concordo	6. Concordo totalmente
17	Descarrego as minhas emoções para me sentir mais aliviado/a.	1	2	3	4	5	6
18	Tento encarar a situação de uma perspetiva diferente e mais positiva.	1	2	3	4	5	6
19	Durmo mais que o habitual para evitar pensar na situação.	1	2	3	4	5	6
20	Procuro definir uma estratégia para lidar com a situação/problema.	1	2	3	4	5	6
21	Concentro-me na resolução da situação/problema e, se necessário, deixo outras coisas para segundo plano.	1	2	3	4	5	6
22	Bebo álcool para pensar menos no assunto.	1	2	3	4	5	6
23	Brinco com o assunto.	1	2	3	4	5	6
24	Desisto de tentar conseguir o que quero.	1	2	3	4	5	6
25	Tento ver o lado positivo do que está a acontecer.	1	2	3	4	5	6
26	Procuro pensar na melhor forma de lidar com o problema/situação.	1	2	3	4	5	6
27	Finjo que a situação realmente não aconteceu.	1	2	3	4	5	6
28	Tento que outras coisas não interfiram com os meus esforços para lidar com a situação/problema.	1	2	3	4	5	6
29	Vou ao cinema, vejo televisão, saio com amigos, pratico desporto, etc., para pensar menos no assunto.	1	2	3	4	5	6
30	Aceito o que aconteceu como um facto e uma realidade.	1	2	3	4	5	6
31	Pergunto a pessoas que passaram por experiências semelhantes o que fizeram.	1	2	3	4	5	6
32	Gozo com a situação.	1	2	3	4	5	6
33	Invisto menos esforços na resolução do problema/situação.	1	2	3	4	5	6
34	Consumo drogas para tentar ultrapassar a situação.	1	2	3	4	5	6
35	Aprendo a viver com a situação/problema.	1	2	3	4	5	6
36	Penso bastante acerca dos passos a dar.	1	2	3	4	5	6
37	Comporto-me como se nada tivesse acontecido.	1	2	3	4	5	6

PARTE VII – EMAP

(Bandura, 1990, adap. por Teixeira & Carmo, 2004)

Este questionário foi elaborado para nos ajudar a compreender melhor as dificuldades que os estudantes, como tu, podem sentir. Por favor, avalia em que medida és capaz de fazer cada uma das tarefas que se seguem, fazendo uma cruz (X) no número apropriado.

Para cada uma das tarefas, indica o grau de facilidade ou dificuldade que sentes, utilizando os números de 1 a 5.

	É fácil para mim...	1. Nada fácil	2. Não muito fácil	3. Fácil	4. Bastante fácil	5. Muito fácil
1	Obter a ajuda dos meus professores, quando tenho dificuldades nas tarefas escolares.	1	2	3	4	5
2	Obter a ajuda dos meus colegas da escola, quando tenho dificuldades nas tarefas escolares.	1	2	3	4	5
3	Obter a ajuda de um adulto quando tenho um problema.	1	2	3	4	5
4	Obter a ajuda de um amigo quando tenho um problema.	1	2	3	4	5
5	Aprender matemática.	1	2	3	4	5
6	Aprender físico-química.	1	2	3	4	5
7	Aprender ciências naturais.	1	2	3	4	5
8	Aprender história.	1	2	3	4	5
9	Aprender a ler, a escrever e a desenvolver outras habilidades da linguagem.	1	2	3	4	5
10	Aprender a usar o computador.	1	2	3	4	5
11	Aprender línguas estrangeiras.	1	2	3	4	5
12	Aprender geografia.	1	2	3	4	5
13	Aprender gramática portuguesa.	1	2	3	4	5
14	Acabar os trabalhos escolares nas datas previstas.	1	2	3	4	5
15	Conseguir estudar quando há outras coisas interessantes para fazer.	1	2	3	4	5
16	Conseguir concentrar-me nas matérias escolares.	1	2	3	4	5
17	Conseguir tirar apontamentos durante as aulas.	1	2	3	4	5
18	Conseguir utilizar a biblioteca na aquisição da informação, para realizar os meus trabalhos escolares.	1	2	3	4	5
19	Conseguir planear o meu trabalho escolar.	1	2	3	4	5
20	Conseguir organizar o meu trabalho escolar.	1	2	3	4	5
21	Conseguir recordar informação das aulas e dos livros.	1	2	3	4	5
22	Conseguir arranjar um local para estudar sem distrações.	1	2	3	4	5
23	Conseguir motivar-me para realizar o trabalho escolar.	1	2	3	4	5
24	Conseguir participar em debates nas aulas.	1	2	3	4	5
25	Conseguir aprender desportos.	1	2	3	4	5
26	Conseguir aprender a dançar.	1	2	3	4	5

	(Continuação)	1. Nada fácil	2. Não muito fácil	3. Fácil	4. Bastante fácil	5. Muito fácil
27	Conseguir aprender música.	1	2	3	4	5
28	Conseguir realizar as tarefas necessárias para ser membro do jornal da escola.	1	2	3	4	5
29	Conseguir realizar as tarefas necessárias para ser membro da associação de estudantes.	1	2	3	4	5
30	Conseguir realizar as tarefas necessárias para participar nas atividades extraescolares (ex: desporto, teatro).	1	2	3	4	5
31	Conseguir praticar regularmente atividades de educação física.	1	2	3	4	5
32	Conseguir aprender as habilidades físicas necessárias para fazer parte de uma equipa desportiva (ex: basketball, futebol, volei).	1	2	3	4	5
33	Conseguir resistir à pressão dos meus amigos, para fazer coisas na escola, que me podem trazer problemas.	1	2	3	4	5
34	Conseguir resistir à tentação de faltar às aulas, quando me sinto aborrecido ou preocupado.	1	2	3	4	5
35	Conseguir resistir à pressão dos meus colegas para fumar cigarros.	1	2	3	4	5
36	Conseguir resistir à pressão dos meus amigos para beber cerveja, vinho ou outras bebidas alcoólicas.	1	2	3	4	5
37	Conseguir resistir à pressão dos meus amigos para fumar charros.	1	2	3	4	5
38	Conseguir resistir à pressão dos meus amigos para tomar pastilhas (exemplo: estimulantes, tranquilizantes).	1	2	3	4	5
39	Conseguir resistir à pressão dos meus amigos para usar drogas.	1	2	3	4	5
40	Conseguir resistir à pressão dos meus amigos para ter relações sexuais.	1	2	3	4	5
41	Conseguir controlar o meu mau feitio.	1	2	3	4	5
42	Conseguir viver de acordo com o que os meus pais esperam de mim.	1	2	3	4	5
43	Conseguir viver de acordo com o que os meus professores esperam de mim.	1	2	3	4	5
44	Conseguir viver de acordo com o que os meus amigos esperam de mim.	1	2	3	4	5
45	Conseguir viver de acordo com o que eu próprio espero de mim.	1	2	3	4	5
46	Conseguir fazer e manter amigas.	1	2	3	4	5
47	Conseguir fazer e manter amigos.	1	2	3	4	5
48	Conseguir manter conversas com outras pessoas.	1	2	3	4	5
49	Conseguir trabalhar em grupo.	1	2	3	4	5
50	Conseguir expressar as minhas opiniões quando os meus colegas não concordam comigo.	1	2	3	4	5
51	Conseguir defender-me quando sinto que estou a ser tratado(a) de forma injusta.	1	2	3	4	5
52	Conseguir lidar com situações onde outros estão a aborrecer-me ou a magoar os meus sentimentos.	1	2	3	4	5
53	Conseguir manter-me firme com alguém que me está a pedir para fazer algo pouco lógico ou inconveniente.	1	2	3	4	5
54	Conseguir obter a ajuda dos meus pais quando tenho um problema.	1	2	3	4	5
55	Conseguir obter a ajuda do(s) meu(s) irmão(s) e/ou irmã(s) quando tenho um problema.	1	2	3	4	5
56	Conseguir que os meus pais tomem parte das minhas atividades escolares.	1	2	3	4	5
57	Conseguir que pessoas exteriores à minha escola se interessem pelas atividades escolares (ex: grupos comunitários, igrejas).	1	2	3	4	5

PARTE VIII – QEVIA

(Lisboa, Barroso, Patrício, & Leandro, 2009, adap. por Magalhães, Antunes, & Ferreira, 2017)

De seguida, encontrarás um conjunto de questões sobre **comportamentos/situações** que podes ter experienciado **numa relação de intimidade/namoro ou numa relação de amizade**. Pensando no último ano, pedimos-te que as **leias atentamente e respondas da forma que melhor exprime a tua experiência considerando a escala apresentada**.

Durante O ÚLTIMO ANO, alguma vez...

		0. Nunca	1. Poucas vezes/ Excecionalmente (1 – 2 vezes)	2. Algumas Vezez (3 – 5 vezes)	3. Muitas Vezez (6 – 10 vezes)	4. Frequentemente Repetidamente (+ 10 vezes)
Alguma vez foste discriminado/a - isto é, prejudicado/a ou tratado/a de forma diferente...						
1	Pela tua pertença a um grupo étnico	0	1	2	3	4
2	Pela tua cor da pele	0	1	2	3	4
3	Pelo facto de seres rapaz ou rapariga	0	1	2	3	4
4	Pela tua crença ou prática religiosa	0	1	2	3	4
5	Pela tua ideologia política	0	1	2	3	4
6	Pelo teu nível socioeconómico	0	1	2	3	4
7	Por razões relacionadas com a tua família de origem	0	1	2	3	4
8	Pela tua nacionalidade	0	1	2	3	4
Alguma vez...						
9	Foste alvo de algum comportamento com o objetivo de meter medo (Ex., gritos ou ameaças, perseguição)?	0	1	2	3	4
10	Alguém te partiu ou danificou objetos pessoais (Ex., mobília, documentos de identificação, roupas) com o objetivo de meter medo?	0	1	2	3	4
11	Alguém atirou a comida para o chão com o objetivo de meter medo?	0	1	2	3	4
12	Foste alvo de ameaças ou chantagem de morte que te assustaram (Ex., “mato-te”)?	0	1	2	3	4
13	Foste alvo de ameaças envolvendo pessoas que te são queridas (Ex., ameaçar fazer mal a essas pessoas)?	0	1	2	3	4
14	Ameaçaram danificar as tuas coisas (Ex., Telemóvel, material escolar)?	0	1	2	3	4
15	Foste ameaçado/a com armas de fogo ou brancas (Ex., facas, navalhas)?	0	1	2	3	4

	(Continuação)	0. Nunca	1. Poucas vezes/ Exceccionalmente (1 – 2 vezes)	2. Algumas Vezez (3 – 5 vezes)	3. Muitas Vezez (6 – 10 vezes)	4. Frequentemente Repetidamente (+ 10 vezes)
16	Tentaram controlar a tua vida social ou dificultar o teu contacto com outras pessoas com o objetivo de te isolar (Ex., exigir saber com quem saís, impedir-te de saíres com amigos ou de frequentar locais, retirar telefone)?	0	1	2	3	4
17	Controlaram, sem a tua autorização, os teus documentos ou objetos (Ex., ler a sua correspondência, vasculhar o teu computador/redes sociais)?	0	1	2	3	4
18	Foste seguido/a, espiado/a ou alvo de esperas em locais que frequentas habitualmente?	0	1	2	3	4
19	Foste impedido/a de usar ou usaram sem a tua autorização dinheiro, cartões bancários ou poupanças?	0	1	2	3	4
20	Foste impedido/a ou dificultarem o teu contacto com outras pessoas?	0	1	2	3	4
21	Maltrataram ou receberam mal os teus familiares ou amigos com o objetivo de os afastar de ti?	0	1	2	3	4
22	Foste pressionado/a a tomar decisões relacionadas com os teus estudos ou escola (Ex., deixar de estudar)?	0	1	2	3	4
23	Foste alvo de comportamentos de humilhação (Ex., comentários negativos sobre ti, comparações negativas com outras pessoas)?	0	1	2	3	4
24	Foste alvo de comportamentos ou palavras com o objetivo de te humilhar ou fazer sentir-te diminuído/a (Ex., dizerem mal de tudo o que fazes, chamaram-te burro/a)?	0	1	2	3	4
25	Foste alvo de insultos relativos à tua vida íntima (Ex., insinuarem que te prostituís ou que tem relações homossexuais, como meio de insulto)?	0	1	2	3	4
26	Foste alvo de comentários negativos relativamente à forma como vives a sua sexualidade ou desempenho sexual?	0	1	2	3	4
27	Foste alvo de puxões de cabelos, empurrões ou cabeçadas com o objetivo de magoar?	0	1	2	3	4
28	Agarraram-te, torceram-te o braço, deram-te bofetadas, murros, pontapés, arranhões/beliscões ou mordidelas com o objetivo de te magoar?	0	1	2	3	4
29	Foste alvo de socos no peito ou atiraram-te objetos com o objetivo de te magoar?	0	1	2	3	4
30	Foste alvo de queimaduras, cortes ou apertaram-te o pescoço com o objetivo de te magoar?	0	1	2	3	4
31	Deram-te sovas/surras?	0	1	2	3	4
32	Te bateram com a cabeça contra a parede ou contra o chão?	0	1	2	3	4

	(Continuação)	0. Nunca	1. Poucas vezes/ Excecionalmente (1 – 2 vezes)	2. Algumas Vezes (3 – 5 vezes)	3. Muitas Vezes (6 – 10 vezes)	4. Frequentemente Repetidamente (+ 10 vezes)
33	Foste fechado/a em casa, proibido/a de sair ou de contactar com o exterior por qualquer meio?	0	1	2	3	4
34	Foste levado/a, sem o teu consentimento, para outros locais com o objetivo de o/a de ter maltratado ou exigirem dinheiro?	0	1	2	3	4
35	Te recusaram ajuda em caso de doença ou problema de saúde, pondo em risco a tua vida (Ex., deixar de te levar ao hospital ou dificultar a toma de medicamentos)?	0	1	2	3	4
36	Foste alvo de algum comportamento com o objetivo de te matar (Ex., agressão física ou com arma; tentativa de estrangulamento, atropelamento ou envenenamento)?	0	1	2	3	4
37	Foste alvo de comportamentos com o objetivo de te levar a uma situação de suicídio?	0	1	2	3	4
38	Foste alvo de assédio sexual verbal ou por escrito (Ex., frases de conotação sexual/obscenidades em que se tenhas sentido ofendido/a)?	0	1	2	3	4
39	Foste alvo de assédio sexual através de contacto físico (Ex., apalpões, tentativa de beijar contra a tua vontade)?	0	1	2	3	4
40	Te exibiram, contra a tua vontade, fotografias, revistas ou filmes pornográficos?	0	1	2	3	4
41	Foste alvo de comportamentos com objetivos pornográficos (Ex., fotografado/a ou filmado/a nu/nua ou em ato sexual, sem o teu consentimento; exibiram uma imagem tua contra sua vontade)?	0	1	2	3	4
42	Tentaram reproduzir/imitar contigo atos de natureza sexual contra a tua vontade (Ex., atos praticados com outras pessoas ou vistos em filmes pornográficos)?	0	1	2	3	4
43	Exibiram-te os seus órgãos sexuais de modo a te sentires ofendido/a ou ultrajado/a?	0	1	2	3	4
44	Tiveram ou tentaram ter contigo algum ato sexual usando a força ou a ameaça de te magoar ou magoar alguém próximo?	0	1	2	3	4
45	Foste forçado/a a praticar atos sexuais em troca de dinheiro ou favores?	0	1	2	3	4
46	(SE RAPARIGA) Foste forçada a interromper uma gravidez ou a prosseguir com uma gravidez não desejada?	0	1	2	3	4

-----FIM-----

Muito obrigada pela tua colaboração!

